

# Viver com AIDS



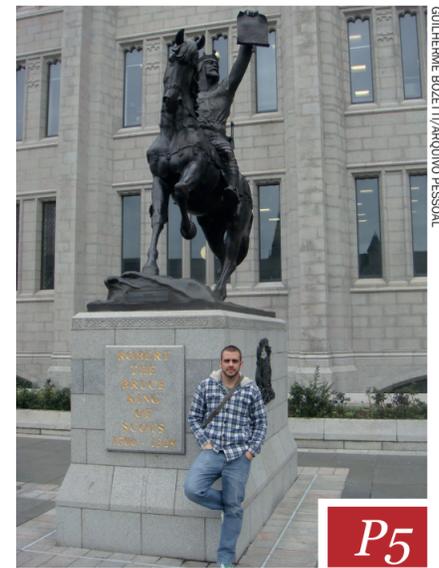
**Alerta** Membro do Conselho Nacional de Saúde, o arquiteto formado pela UFRGS Carlos Alberto Ebeling Duarte é soropositivo desde 1989 e tem lutado por um serviço de saúde que garanta minimamente as necessidades das pessoas

portadoras da síndrome. A maior preocupação dos profissionais que coordenam os setores de prevenção e tratamento da doença é a disseminação do vírus entre crianças, mulheres e idosos. *CadernoJU*

## FORMAÇÃO NO EXTERIOR

### Alunos da UFRGS estudam na Escócia

Estudantes da Universidade estão desenvolvendo projetos de doutorado e pós-doutorado com dupla titulação em convênio com a University of Aberdeen. Guilherme Bozetti (foto), que se dedica a estudar os canais submarinos da Bacia de Campos, é um dos acadêmicos contemplados com bolsa do Programa Ciência sem Fronteiras. Segundo a professora Karin Goldberg, o Pós-graduação em Geociências da UFRGS entrou na parceria, pois desde 2001 vem recebendo nota 7 nas avaliações realizadas pela Capes.



GUILHERME BOZETTI/ARQUIVO PESSOAL

P5

## ASTRONOMIA

### Sobrenome no cosmos

Integrante de um projeto de colaboração internacional denominado Sloan Digital Sky Survey III, o estudante do doutorado em Física da UFRGS Eduardo Balbinot inscreveu seu nome nas estrelas ao descobrir um satélite da Via-Láctea graças ao uso de uma nova ferramenta de computação. Enquanto escreve a sua tese sobre detecção de aglomerados estelares, seus colegas se preparam para encarar o desafio de colaborar com o Dark Energy Survey, projeto que investiga um dos maiores mistérios da astronomia na atualidade: a expansão do universo. *P11*

## CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO

### Escola para a diversidade

Desde novembro, a Faculdade de Educação da UFRGS está realizando um curso de especialização voltado a professores que trabalham em escolas públicas próximas a regiões de vulnerabilidade social. Desenvolvido na modalidade educação a distância, o programa aborda as questões da pobreza, de gênero, de orientação sexual e das relações étnico-raciais, a partir da constatação de que esses temas polêmicos são revestidos de preconceito dentro e fora da sala de aula. *P7*

MARCO ANTONIO RAUPP

### Ministro pretende apoiar a cooperação científica no país

P8

MIA COUTO

### Ouvinte da alma



FLÁVIO DUTRA/JU

P10

## Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto  
Reitor

# Infraestrutura para o presente e o futuro

A experiência universitária é marcante e transformadora. Para os estudantes, que aqui encontram ambiente formativo, inspirador e de construção de futuro; para os trabalhadores em educação, docentes e técnicos, que dedicam à instituição o talento e o melhor de seu tempo.

Percebemos a genuína emoção do Ministro Marco Antonio Raupp, em sua recente visita a Porto Alegre, ao declarar seu orgulho por ter sido aluno da UFRGS.

Graduado no Instituto de Física nos anos 60, buscou a formação pós-graduada no exterior e construiu brilhante carreira científica no centro do país. Durante cerimônia em Brasília, aceitou animado o convite para visitar sua alma mater e rever alguns dos seus contemporâneos e ex-professores, bem como participar da inauguração da Exposição sobre Alan Turing. Encontrou uma UFRGS

renovada em seus espaços e pessoas, com laboratórios de ponta instalados e atuantes; uma instituição que merece o destaque alcançado pela elevada qualidade da produção científica e acadêmica. Reconheceu a sua UFRGS, aquela onde estabeleceu as bases da carreira que o levou ao cargo de Ministro de Ciência, Tecnologia e Inovação. Afiançou apoio aos nossos projetos estruturantes, como os CT-Infras e o Parque Tecnológico, como parte da missão de colocar a ciência e a inovação a serviço do desenvolvimento social.

É promissor o ambiente nacional. Um país de desenvolvimento educacional tardio, que fundou suas primeiras universidades apenas a partir do final do século 19, tem pela primeira vez políticas claras para a educação superior, a ciência e a inovação.

Soma-se a isso a compreensão de que

o investimento em educação e ciência é o caminho mais adequado para atingir o desenvolvimento sustentável no século do conhecimento.

A UFRGS tem a pesquisa e a inovação como pilares da gestão acadêmica desde a sua fundação, disso resulta o reconhecimento de sua qualidade por instâncias e agências nacionais e internacionais, muitas vezes materializadas em premiações. Alguns exemplos recentes são os Prêmios Loreal-Unesco, da Academia de Ciências do Terceiro Mundo, e os Prêmios Fapergs.

É sempre muito gratificante receber de ex-alunos demonstrações de apreço e carinho pela instituição que teve papel fundamental em sua formação. Isso só reforça a nossa responsabilidade na construção de um caminho cada vez mais sólido e promissor.

**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha,  
Porto Alegre - RS | CEP 90046-900  
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

**Reitor**  
Carlos Alexandre Netto  
**Vice-reitor**  
Rui Vicente Oppermann  
**Chefe de Gabinete**  
João Roberto Braga de Mello  
**Secretário de Comunicação Social**  
Ricardo Schneiders da Silva

JORNAL DA UNIVERSIDADE  
Publicação mensal da Secretaria de  
Comunicação Social da UFRGS  
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497  
Email: jornal@ufrgs.br

**Conselho Editorial**  
Cassiano Kuchembeck Rosing, Cesar Zen Vasconcelos, Daltro José Nunes, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera

**Editora**  
Ánia Chiala

**Repórteres**  
Evertton Cardoso, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein

**Projeto gráfico**  
Juliano Bruni Pereira, Kleiton Semensatto da Costa (CADERNO JU)

**Diagramação**  
Kleiton Semensatto da Costa

**Fotografia**  
Flávio Dutra

**Revisão**  
Antônio Falcetta

**Bolsistas**  
Bibiano Guaraldi, Bruno Cobalchini Mattos, Mariana Martins Ramos e Priscila Kichler Pacheco (jornalismo)

**Circulação**  
Márcia Fumagalli

**Fotolitos e Impressão Gráfica da UFRGS**  
Tiragem 12 mil exemplares

facebook.com/jornaluniversidade

@jornalufrgs

## Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

### Meu Lugar

Quero agradecer e parabenizá-los pelo belo trabalho da edição de novembro do JU e, em especial, ao Bruno Cobalchini Mattos, que soube, em poucos minutos de entrevista, captar e transformar num belo texto um pouco da minha alma. Obrigado a todos.

► **Walberto Andrade Chuvás, Beto da Física**

### Correção

Na reportagem intitulada "Muito além do chá", publicada na página 4 da edição de novembro do JU, a planta identificada como *Achillea alpica* na verdade se chama *Achillea millefolium*. Além disso, o confrei é hepatotóxico e não hematotóxico.

### Mudança de endereço

Os servidores que desejarem ter seus endereços alterados para recebimento de correspondências da UFRGS, como o Jornal da Universidade e o contracheque, devem dirigir-se à Divisão de Cadastro e Registro da Pró-reitoria de Gestão de Pessoas (Av. Paulo Gama, 110 - 4.º andar). Mais informações pelo telefone 3308-3045.

## Memória da UFRGS



ACERVO LUME / UFRGS

## Década de 1970

Obras de construção do viaduto Imperatriz Leopoldina, erguido sobre a Av. João Pessoa no cruzamento com a Rua Luiz Englert e a 1.ª Perimetral. Ao fundo, a fachada do prédio do Instituto de Ciências Básicas da Saúde.

## Artigo

# Mídias sociais na Escola de Engenharia: tradição e modernidade

A centenária Escola de Engenharia da UFRGS comemorou 116 anos no recente 10 de agosto de 2012 e apresenta-se mais moderna do que poderiam supor os engenheiros do Colégio Militar que a fundaram em 1896. A chegada dessa instituição ao século XXI ocorre, em meio a tantas revoluções tecnológicas, pela sua participação também nas redes e mídias sociais, que aproximam pessoas e interesses comuns – mesmo que distantes – e possibilitam a expansão de sua realidade e de seu cotidiano.

Tais canais virtuais, feitos inicialmente para alunos, professores e funcionários, acabam por comunicar não apenas para o seu público interno, visto que também trazem informações para a comunidade situada no seu entorno. O esforço apresenta-se, assim, como forma de retribuição aos moradores que vivem nas cercanias da Escola e que, de certa forma, financiam o projeto, já que este deriva de uma instituição mantida com o dinheiro público.

Dois redes sociais foram identificadas como apropriadas, eficazes e de grande aderência, sendo implementadas como canais institucionais da Escola de Engenharia: o Facebook (<http://www.facebook.com/engenhariaUfrgs>) e o microblog Twitter (@engUFRGS). Essas plataformas podem ser entendidas como espaços disseminadores de conhecimento e informações, trazendo para o setor público o ritmo constante de atualizações de que a sociedade necessita, e que, em lugar de desestabilizar sua tradição, valorizou com mo-

dernidade a comunicação desse setor. São duas janelas interdependentes, redutos de tecnologia de ponta e inovação tecnológica.

A iniciativa deu certo e os números mostram que o Twitter e o Facebook têm relevância para os internautas que acessam e interagem diariamente por meio desses canais. Visualizando essa inerente aceitação, ponderou-se expandir a ideia a partir da criação de outros tipos de veículos comunicacionais. Foi planejada, então, a concepção de um canal para a Escola no YouTube, interagindo com um jornal impresso, o "Informativo da Escola de Engenharia", lançado no dia 28 de novembro.

O primeiro caracteriza-se por ser um veículo popular com grande visibilidade, capaz de inserir a Escola de Engenharia mais fortemente na era do compartilhamento. Além disso, por sua matéria-prima ser o audiovisual, permite conteúdos mais atrativos para as pessoas classificadas como "visuais". Já o segundo, o Informativo, por ser um mecanismo mais clássico de comunicação, acaba sendo o veículo favorito dos *print lovers*, fãs declarados da informação gravada em suporte de papel.

As redes sociais foram, portanto, as iniciativas comunicacionais primogênicas. Por meio da capacitação da equipe que as gerencia com cursos de extensão ministrados por profissionais da *social media* e da descoberta de aplicativos disponíveis para adaptar o canal à necessidade de cada participante dessa enorme rede de contato e informações, criaram-se veículos virtuais já aceitos pelo grande público. Esse foi o pontapé inicial, que

fez com que seu sucesso alçasse outros veículos capazes de enriquecer a comunicação da Escola: o canal no YouTube e o Informativo da Escola de Engenharia.

Na primeira edição do Informativo, estreou a seção "Engenharia Tube". No jornal impresso, apresentamos um *release* sobre a matéria e redirecionamos o leitor para o canal Youtube.com/engenhariaUfrgs. O processo utiliza como metodologia o recurso audiovisual: um sistema de matéria vídeo-impressa com a agilidade do aplicativo QR Code para portadores de dispositivos móveis (celulares, *tablets*). O local da Escola que serviu de pauta foi o Laboratório de Design e Seleção de Materiais (LdSM). Das várias tomadas que gravamos, destacamos a da máquina de gravação a laser em operação, confeccionando algumas peças em madeira para demonstração – sob nossa encomenda –, que serão sorteadas na rede social Facebook em uma data muito especial para nossa comunidade: dia 11 de dezembro (Dia da/o Engenheira/o).

A seção "Em Revista" entrevistou, por conta das inúmeras obras viárias em Porto Alegre para a Copa de 2014, a professora Christine Nodari, especialista em Mobilidade Urbana que analisa soluções para a cidade, e não apenas para atender a esse evento. A reportagem de Capa destacou os intercâmbios dos estudantes de engenharia via Comissão de Mobilidade Acadêmica da Escola e o Programa Ciência Sem Fronteiras. Entrevistamos dois estudantes por videoconferência. Atualmente,

são 192 alunos em diversos países vivendo a experiência de estudar no exterior.

Convidamos todos os leitores a conhecer nossas redes e nosso jornal. Esse está diretamente ligado, e redireciona frequentemente as redes sociais da Escola de Engenharia, por ser fruto delas, além de ter como premissa a dinamicidade e a interatividade, qualidades presentes normalmente em meios digitais. Por fim, a inserção desses projetos vislumbra muitas possibilidades, visto que sua construção tem sido extremamente positiva para esta instituição, sendo um meio de unir visões de mundo diferentes, como a dos discentes, a dos docentes, servidores e comunidade, sem, apesar disso, mudar o foco de seu principal ideal: expandir, propagar, melhorar e tornar público o resultado do trabalho de todos.

Bem-vindos às nossas redes e mídias sociais, bem-vindos à nossa mídia impressa!

**Paulo Fernando Zanardini Bueno**  
Sociólogo, especialista em Educação e Técnico administrativo em Educação da Escola de Engenharia

**Ana Luiza Brock**  
Bolsista de Comunicação Social da Escola de Engenharia, estudante do 3.º semestre de Relações Públicas da Fabico/UFRGS.

**Luíza Cuthi Mattia**  
Bolsista de Comunicação Social da Escola de Engenharia, estudante do 3.º semestre de Jornalismo da Fabico/UFRGS

# Quatro anos de desafios

**UFRGS 2012-2016**

*Pró-reitorias acadêmicas apresentam as prioridades para a gestão que se inicia*

Para o pró-reitor de Coordenação Acadêmica, Rui Vicente Oppermann, a principal meta é construir o conceito de universidade de classe mundial. “Esse conceito está maduro na UFRGS porque tivemos o aumento de docentes, de técnicos e de alunos, e agora se trata de sedimentarmos essa expansão com a excelência que possuímos nas áreas de ensino, pesquisa e extensão”, observa.

Na avaliação dele, o momento é muito propício, na medida em que o governo federal reconhece a necessidade de as universidades federais se projetarem internacionalmente. “Uma das metas do Programa Ciência sem Fronteiras é que pelo menos uma universidade federal brasileira esteja entre as 200 ou 400 melhores do mundo – e isso ainda não aconteceu. Mas nós não queremos chegar lá por chegar”, diz o professor. Para ele, o mais importante é que a UFRGS tenha uma referência de como poderá crescer: “Se queremos ser uma universidade de classe mundial, o grande desafio é o desafio acadêmico, o desafio do ensino de graduação e de pós-graduação, da pesquisa e da inovação, pois não há como ser uma universidade grande no cenário internacional sem ter um papel de destaque nas áreas da inovação e do desenvolvimento”.

Rui destaca ainda a importância da extensão universitária, que ele defende como um elemento crucial para a qualificação de uma universidade. “Acho que não podemos nos comparar a Harvard, por exemplo, já que a nossa realidade é outra. E considero a realidade do Brasil mais rica, pois as nossas universidades públicas estão mais socialmente inseridas do que as universidades dos Estados Unidos, em sua maioria privadas”, ressalta.

**Muito além do intercâmbio** – Na visão do professor Rui, o intercâmbio é apenas um dos aspectos a serem incrementados quando se pensa em uma universidade de classe mundial. Há outro mais importante, que é a construção de pesquisas, projetos e ações com outras universidades do exterior.

Ele cita como exemplo a resistência à realização de aulas em outras línguas, como o inglês. “Existe ainda certa resistência que não sei se se deve a uma xenofobia ou à dificuldade de se fazer tal coisa. Mas existem boas experiências na Informática e na Engenharia que podem ser ampliadas”.

De acordo com o pró-reitor de Coordenação Acadêmica, a classe mundial é um desafio muito mais interno que externo. Ele julga que já existe todo um trabalho de relações internacionais muito bem realizado, mas que é preciso investir na construção de relações internas para o acolhimento de estudantes e pesquisadores estrangeiros. “Nós, gaúchos, gostamos de falar de nossa hospitalidade, mas tivemos durante o Salão UFRGS o relato de alunos africanos que foram unânimes em dizer que sua maior dificuldade foi a ausência do sentimento de pertencimento”, critica. Nesse sentido, Rui aponta outro grande desafio: o do acolhimento dos alunos cotistas. “Temos de criar uma cultura de pertencimento para que essas pessoas participem ativamente daquilo que a universidade oferece, porque isso fará com que elas permaneçam na UFRGS e tenham um melhor aproveitamento”.



FLAVIO OLIVEIRA/JU

**Integração** – Para o pró-reitor de Pesquisa, José Carlos Frantz, uma das primeiras iniciativas de sua área será promover uma ação conjunta com a Pró-reitoria de Pós-graduação e a Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico (Sedetec). “A PROPEQ já tem uma interação com toda uma parte de formação de pessoas, e aí a PROPG é fundamental. Temos também que envolver a parte de inovação, e para isso é importante contarmos com a participação direta da Sedetec”.

Outro aspecto envolve a aproximação da UFRGS com a sociedade, que precisa enxergar na Universidade uma parceira: “A sociedade tem de nos ver como uma instituição com projetos que podem atender às suas demandas. Precisamos não apenas de divulgação, mas também da interação com a sociedade para que ela nos identifique como agentes de inovação. E isso obviamente inclui o Parque Tecnológico”.

**Diálogo** – Vladimir do Nascimento, pró-reitor de Pós-graduação, afirma que sua primeira meta é cumprir o plano de gestão apresentado pelo reitor ao Consun. “A PROPG vai se aproximar dos cursos de pós-graduação. Pretendo estabelecer uma relação próxima com esses cursos, o que será feito por meio do Fórum de Coordenadores e da Câmara de Pós-graduação. Essa deverá ser uma relação de muito diálogo e de troca

de experiências”, declara o pró-reitor.

O professor afirmou ainda que sua proposta é não apenas investir nos cursos que precisam da Pró-reitoria para melhorar sua avaliação na Capes, mas também junto aos docentes e alunos. Para tanto, Vladimir quer visitar os programas de pós-graduação nos seus locais, num contato direto que permita conhecer as condições dos cursos em seus próprios espaços. “Por ter ficado por muito tempo na direção da Veterinária, sei bem como é a sensação de estar do ‘outro lado do rio’, mas isso muitas vezes é mais uma percepção do que propriamente a realidade”, explica.

**Créditos de Ingresso** – Para o professor Sérgio Roberto Kieling Franco, pró-reitor de Graduação, um aspecto que a UFRGS deverá discutir nos próximos anos serão os critérios de ingresso de novos estudantes. “Temos trocado ideias sobre a criação de outros critérios, como as universidades dos Estados Unidos já fazem, estabelecendo formas de acesso de cidadania. Porque a ideia da Universidade é formar uma elite cultural e de liderança social. Portanto, ter como único critério a quantidade de conhecimentos adquiridos talvez não seja o melhor método de seleção. Mas isso ainda é uma discussão”, alerta.

Sérgio quer que a PROGRAD seja a protagonista de grandes discussões pedagógicas. “Queremos instaurar

um processo de debate que reúna a câmara e as comissões de graduação, os departamentos, as unidades, para que possamos criar um ambiente de discussão e de qualificação”, pondera. Outro aspecto no qual a Pró-reitoria de Graduação vai atuar é a inclusão da tecnologia no dia a dia da Universidade.

**Aproveitamento de créditos** – Conforme a pró-reitora de Extensão, Sandra de Deus, uma das ações que precisam ser consolidadas na próxima gestão é o projeto Maré de Arte. Na visão dela, “essa é a menina dos nossos olhos na relação com o Câmpus Litoral Norte”. Outro ponto é o incentivo à participação de extensionistas em congressos, tendo em vista a mudança na Plataforma Lattes, que hoje dispõe de um espaço específico para a extensão.

Dentre as propostas que devem ser implantadas nos próximos quatro anos, Sandra destaca o conceito e o projeto do Centro de Multiatividades Culturais no Câmpus do Vale; a atualização dos equipamentos do Planetário; a recuperação do Salão de Festas; e a digitalização do sistema de projeção da Sala Redenção.

Finalmente, a professora ressalta como prioridade o aproveitamento das atividades dos bolsistas de extensão para a obtenção de créditos complementares aos cursos de graduação – proposta que consta inclusive do Plano Nacional de Extensão.



**UFRGS TV**

**Projeto ONG Solidariedade**

**Unindo forças para melhorar a vida das pessoas**

Uma parceria entre o Laboratório de Ensaios e Modelos Estruturais (LEME), o Laboratório de Otimização de Produtos e Processos (LOPP), a Incubadora Tecnológica Hestia e a PS Júnior-Consultoria Empresarial – todos ligados à UFRGS – com a ONG Solidariedade está melhorando a vida de muitos moradores do bairro Cristal, na zona Sul da capital.

A fim de oportunizar novas formas de renda a moradores que atuavam como carroceiros ou catadores de lixo, a ONG Solidariedade está oferecendo cursos de capacitação para a formação de trabalhadores na fabricação de blocos de concreto feitos a partir de resíduos de construção e demolição (RCD). O diferencial desses blocos é que eles são montados em um processo de reciclagem, a partir do recolhimento de resíduos provenientes da construção civil.

Sérgio Bueno do Amaral, coordenador da ONG, destaca como essa parceria foi aperfeiçoada: “A Universidade, quando decidiu nos apoiar, queria principalmente ajudar na parte técnica, mas eles viram que o processo necessitava de pessoas qualificadas. Daí surgiu a ideia de fazer um curso para os membros da ONG, inclusive alguns recicladores, a fim de que, com essas pessoas qualificadas, nós pudessemos multiplicar tudo isso”.

A iniciativa resultou em um produto com todas as condições de uso e de comercialização, conforme reforça a professora Istefani de Paula, do LOPP: “Os blocos atendem aos requisitos de segurança e eficiência. E com o benefício adicional de estar retirando um resíduo do ambiente”.

A pós-doutoranda do LEME Angela Graeff destaca a principal característica da parceria: “Ela conseguiu capacitar os antigos catadores de lixo, para que eles pudessem ter uma nova fonte de renda”.

Para a gerente da Incubadora Tecnológica Hestia, Silvana Kaster Tavares, esse tipo de trabalho reforça o compromisso público da universidade: “Quando um projeto contempla geração de emprego e renda, aproveitamento de resíduos que gerariam um grande impacto ambiental, inclusão social, e ainda a questão da transferência de tecnologia –, é porque a universidade é pública. Acredito que o que se faz na UFRGS mostra que realmente a gente está cumprindo a nossa missão”.

Suelem Lopes de Freitas e Thais Cristine Ranzi, *estudantes do 1.º semestre de Jornalismo e do 3.º semestre de Publicidade e Propaganda da Fabico*

**Assista aos programas**

Para conhecer melhor o trabalho de parceria entre a Universidade e a ONG Solidariedade, assista ao programa **Conhecendo a UFRGS**, que vai ao ar no dia 25 de dezembro de 2012, às 20h, no canal 15 da NET PoA, com reprise às 23h.



# Ciência descomplicada

## Ensino

### Projeto traz alunos de escolas públicas para o mundo das conferências de uma forma bem divertida

Samantha Klein

Não é nada fácil para um professor atrair os alunos para conceitos como o de variação de velocidade, da relatividade ou do cálculo da massa dos corpos. O que pode ser feito para tornar os fenômenos da Física e a educação científica mais interessantes para os alunos do ensino fundamental? A concorrência é pesada em uma época em que as redes sociais e os recursos eletrônicos chamam mais a atenção do que um banco escolar, mas é possível, sim. Sair da rotina é uma das palavras-chave.

Com a ambição de mostrar outras possibilidades para os estudantes da rede pública da capital, a parceria entre o Fronteiras do Pensamento e a Prefeitura proporcionou uma aula completamente diferente em três encontros realizados neste semestre. O *Diálogos com a Geração Z* lota o Salão de Atos da UFRGS com mais de mil pessoas, é apresentado pelo irreverente escritor Fabrício Carpinejar e outros três professores convidados para ensinar interagindo com o público. A principal meta é desmistificar a ciência como algo chato, seja por meio da discussão sobre a sustentabilidade a partir da apresentação da ativista ambiental Vandana Shiva e do urbanista colombiano Enrique Peñalosa, seja pelo método científico pensado na ótica da neurocientista Susan Greenfield, seja, ainda, pelo ponto de vista do escritor Mía Couto a respeito da África e suas influências, que encerrou o ciclo de debates do Fronteiras deste ano.

**O prazer do experimento** – No palco, um professor une dois balões por uma mangueira interrompida por um prendedor de roupas que serve de válvula. Um dos balões está cheio de ar e o outro bem mais vazio. Cientificamente perguntando, o que vai acontecer quando o prendedor for retirado? A plateia formada por adolescentes e crianças tem 10 segundos para pensar. Acabado o tempo, um guri com cabelo estilo Neymar grita que o balão cheio esvaziará e o mais vazio encherá até que os dois fiquem com volumes iguais. O palestrante repete. “Você concordam?” Um coro quase unânime diz “sim!!!”. “Parabéns, vocês erraram!”

Ele esclarece que a diferença entre os balões aumenta porque o mais cheio tem menor pressão interna, o que favorece o fenômeno. Ok, e para quê serve saber disso? Talvez signifique o mesmo que perguntar a Einstein por que ele queria explicar a Teoria da Relatividade, assim

como Isaac Newton estudou a gravidade. A ciência é feita de questões e é reciclável, segundo o professor do Instituto de Física Marco Aurélio Idiart. “Por mais irrelevante que um conhecimento pareça, nada garante que ele não vai ser essencial para o entendimento de algo muito maior no futuro. Por exemplo, o físico americano Richard Feynman estudou o movimento de pratos rodando quase como um hobby. Ele usou a teoria que criou para os pratos para desenvolver a eletrodinâmica quântica e ganhou o prêmio Nobel de Física. Ou seja, fenômenos banais do cotidiano podem guardar grandes surpresas”, sustenta.

Apesar disso, o físico e participante do projeto reconhece a dificuldade dos conteúdos que são apresentados em sala de aula, fazendo uma relação entre o treino esportivo e o estudo da árdua matéria para boa parte dos estudantes. “Pouca gente gostaria do esporte de competição se achasse que ele se resume a praticar horas intermináveis de musculação. Mas todo mundo sabe que tem o jogo, o campeonato e a fama, e isto ajuda a perseverar no treino. Em ciência é a mesma coisa: treina-se muito para ganhar o campeonato. E o campeonato ganha é a descoberta científica. É incrível descobrir algo de que ninguém nunca se deu conta.”

“Fenômenos banais do cotidiano podem guardar grandes surpresas”

**Galáxia de oportunidades** – O projeto *Diálogos* está na terceira edição e a sua importância cresce com a participação que começa a se estender às escolas estaduais do município. A escolha por colégios públicos não é gratuita. Em geral localizadas na periferia da cidade, muitas vezes faltam opções para que os alunos dessas escolas atravessem os muros da sala de aula. Portanto, os *Diálogos* são importantes para tentar atualizar os conhecimentos numa época em que tudo se transforma com muita rapidez.

Eliane Meleti, diretora pedagógica da Secretaria Municipal da Educação, acredita que os encontros são uma atividade cultural, campo geralmente restrito aos estudantes da rede pública de ensino. “Eles estão vindo a um espaço ao qual não tinham acesso e têm aulas com professores muito especializados. Sabemos que, quando mudamos o apelo, a aprendizagem é melhor. Por outro lado, ainda trabalhamos a questão do comportamento e da formação da plateia; você vê que eles estão atentos e aprendendo”, ressalta.

A professora Maiza Grossi, da Escola Pepita de Leão, que fica na zona norte de Porto Alegre, levou os alunos pela primeira vez e acredita que a saída da rotina colabora no retorno à sala de aula.



O projeto busca atualizar os conhecimentos dos estudantes numa época em que tudo se transforma com rapidez

“Os alunos gostam muito de atividades que fogem do cotidiano. Antes das saídas, os professores se preocupam em prepará-los, informando sobre os temas e os cientistas em discussão. Os resultados são bons para todas as disciplinas”, considera.

**Preparando para o laboratório** – A escola em que Maiza leciona pode ser considerada uma privilegiada em infraestrutura. Tem laboratórios de aprendizagem, ambientes climatizados e aulas de dança. Porém, havia o vácuo das saídas de campo. A professora do ensino fundamental lembra que a atividade é le-

vada a sério e explorada em aula. “Como sou professora de português, vou pedir redações e estimular a discussão sobre os assuntos da Física que podem ser usados no dia a dia. Se um aluno não lembrar do conceito, outro poderá contribuir e enriquecer o conhecimento”, destaca. É por isso que, na saída do Salão de Atos, antes de entrar no ônibus para o retorno, o aluno Pablo, de 12 anos, mesmo que não tenha compreendido tudo, sai satisfeito. “Achei muito interessante. Gostei quando eles disseram que quando caio de bunda dói por causa da gravidade!”

A estudante Camila Silveira, da Es-

cola Ildo Meneghetti, também aprova o encontro e a metodologia despojada, em que os adolescentes aprendem sem perceber. “Achei uma maneira bem legal de estudar Física e aprendi várias coisas. Além disso, também aprendo muito fora da sala de aula e não conhecia a Universidade”, comenta a garota, dizendo que almeja uma vaga na faculdade, mesmo sem arriscar qual graduação quer seguir. “Ainda é muito cedo para pensar nisso”, retruca a estudante da 6.ª série, revelando apenas que estudar muita Matemática não é a meta. “Mas Física eu vi que é bem legal.”

## Estímulo ao questionamento

Nos *Diálogos com a Geração Z*, percebemos que entender a ciência não é tão complicado. Mas como aproximar os estudantes de pesquisadores renomados sem pedantismo? Para alunos da 6.ª ou 8.ª série, que diferença fará conhecer Susan Greenfield ou Michael Shermer quando pode ser mais bacana navegar na internet? O contato com esses cientistas, mesmo que de forma rápida, é um estímulo ao questionamento em oposição à perpetuação de crenças que se mantêm não somente por gerações como também nas redes sociais.

No caso de Shermer, que se dedica a estudar por que as pessoas acreditam em fenômenos sobrenaturais, a busca pela verdade não é fácil,

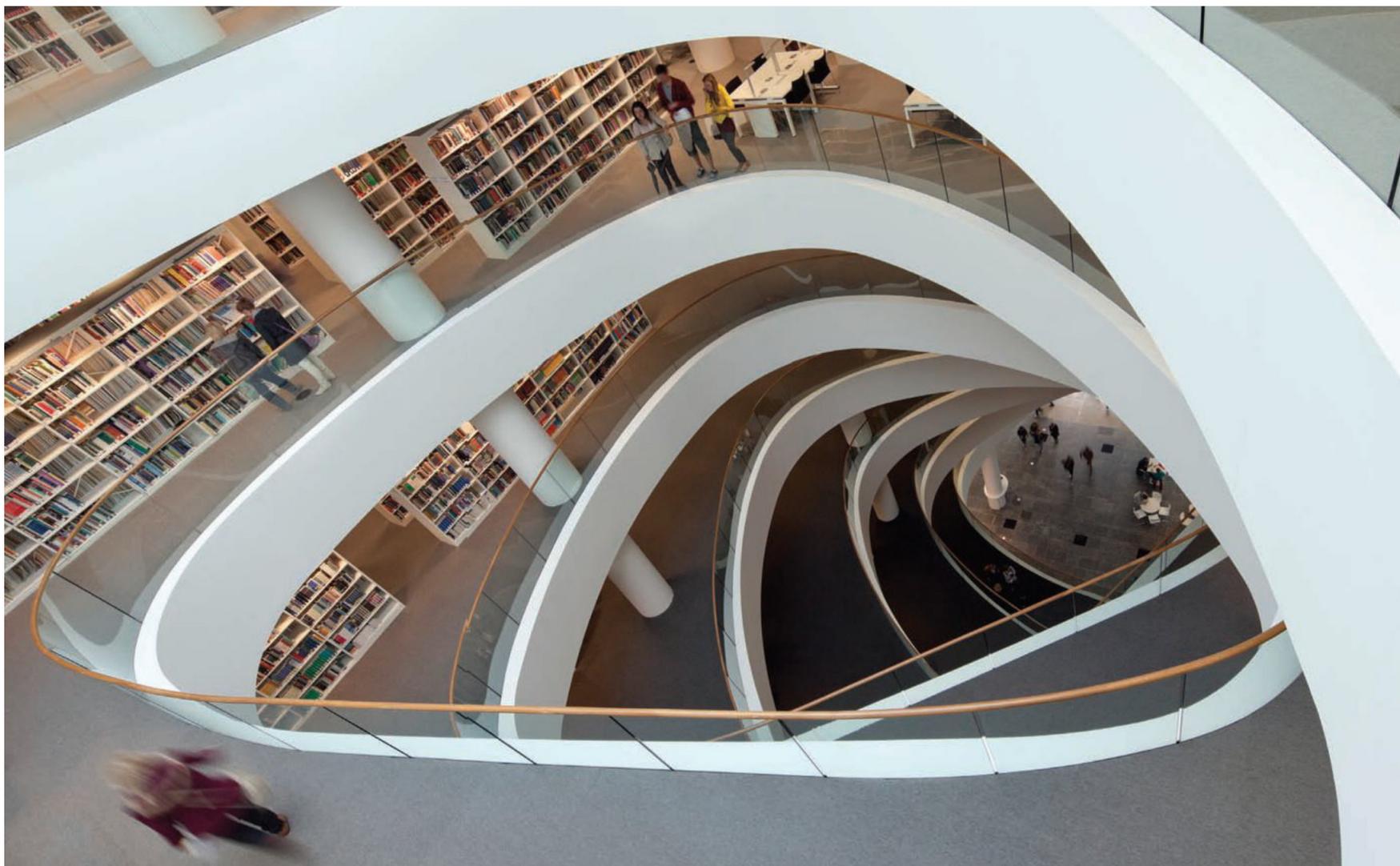
principalmente num momento em que vivemos a crença pós-modernista da relatividade da verdade aliada à velocidade dos meios de cultura de massa, que se baseiam na emoção que provocam e na atenção que conseguem captar dos espectadores. Segundo o pesquisador, informação, entretenimento, verdade e ficção se confundem. “Sou cético não porque não queira acreditar, mas porque quero saber. Como saber a diferença entre o que gostaríamos que fosse verdade e o que de fato é verdade? A resposta é a ciência. Vivemos na era da ciência, na qual se espera que as crenças sejam fundamentadas em sólidas evidências e em dados empíricos. Por que, então, tanta gente acredita no que a maioria dos

cientistas considera inacreditável?”, questiona no livro *Crença e Cérebro*, publicado em 2011.

Já a neurocientista Susan Greenfield está atenta à geração de “nativos digitais”. Ela questiona como os novos hábitos mudam a percepção da diferença entre informação e conhecimento, da mesma forma que o uso excessivo do videogame e do computador modifica a atenção dos usuários. “Se você passar 10 horas em frente a um jogo eletrônico, você deixa de passear na areia da praia, sentir o sol no rosto e abraçar alguém”, sustenta.

Para os estudantes que vivem isso de forma intensa, a visualização de um experimento científico ao vivo tem impacto muito maior do que assisti-lo em

um vídeo na internet. A relação pode ser a mesma entre o contato presencial e aquele que fica restrito às redes sociais. O professor Marco Aurélio, do Instituto de Física da UFRGS, concorda: “O experimento do balão é muito interessante porque tem um resultado completamente diferente do esperado. Existem muitos vídeos no YouTube mostrando ensaios, assim como há uma série de filmes que são truques e mostram coisas falsas. Isso causa uma grande confusão; tudo fica parecendo mágico. A criança não desenvolve a intuição nem se surpreende com nada. Aqui a surpresa é real, você viu”, ressaltando que o impacto entre o real e o imaginário está longe de ser comparável.



DIVULGAÇÃO

A moderna biblioteca da University of Aberdeen, situada no câmpus do King's College, foi inaugurada em setembro e recolocou a cidade no mapa da arquitetura mundial

# Na capital do petróleo

**Pós-graduação**  
*Convênio oferece bolsas para estudantes da UFRGS desenvolverem pesquisas na University of Aberdeen*

Everton Cardoso

Com o crescimento da exploração de petróleo no Brasil nas últimas décadas, surgem tanto a necessidade de se formar mão de obra especializada para atuar na extração do produto quanto a demanda por pesquisadores capazes de estudar temas relacionados a fontes de energia. A partir disso, estudos voltados para investigações sobre as camadas rochosas e reservas petrolíferas da Terra têm ganhado bastante relevância. Dentro desse contexto, a UFRGS tem já há algum tempo dedicado projetos de pesquisa a esses assuntos. A novidade é que, a partir deste semestre, estudantes da Universidade viajam à Escócia para desenvolverem seus estudos de doutorado e pós-doutorado com dupla titulação em convênio com a University of Aberdeen (UoA).

**Qualificação internacional** – Segundo a professora do Departamento de Mineralogia e Petrologia e do Programa de Pós-graduação em Geociências da UFRGS Karin Goldberg, a escolha pela UoA para a parceria deve-se, principalmente, ao fato de a cidade de Aberdeen ser a capital do petróleo na Europa. “Eles estão nesse negócio há décadas e

possuem *know-how* para trabalhar com companhias estrangeiras. Também têm prática em parcerias público-privadas”, justifica. Ela ainda acrescenta a isso o fato de muitas empresas estrangeiras há bastante tempo financiarem estudos naquela instituição, o que lhes deu muita experiência nesse campo. “Eles adquiriram muita prática no uso da tecnologia, enquanto nós estamos ainda aprendendo”, analisa. Já a UFRGS entra na parceria com a tradição de ser uma das mais antigas universidades brasileiras a realizar pesquisas e a oferecer cursos nessa área. Além disso, o PPG em Geociências da UFRGS é o único programa, no Brasil, a se dedicar aos estudos nesse campo e que recebeu conceito 7 nas avaliações trienais realizadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) desde 2001, o que significa que o programa gera uma produção acadêmico-científica prolífica e de trânsito internacional.

O projeto teve início em fevereiro deste ano, ocasião em que a Universidade firmou a parceria com a UoA e também com a BG Brasil, empresa que é parte do grupo britânico que atua em mais de 25 países na área de óleo e gás. No Brasil, como contrapartida exigida pela Lei do Petróleo, a multinacional reverte 1% de sua renda em incentivos à pesquisa e à formação de profissionais de nível superior no país para atuarem no setor. Isso representa um montante de US\$ 5 milhões destinados ao programa. Depois de uma série de investimentos em infraestrutura – laboratório de interpretação sísmica, equipamento de informática, sistema para videoconferência, softwares, além de treinamento de pessoal –, agora é chegada a fase de iniciar o financiamento de projetos de pesquisa no âmbito da pós-graduação. Essa ação faz parte do programa Ciência sem Fronteiras – organizado pelos ministérios da Educação e de Ciência, Tecnologia e Inovação – e vai conceder a vinte e cinco estudantes vinculados ao

PPG em Geociências da UFRGS bolsas para desenvolverem seus trabalhos de doutoramento e estágios pós-doutorais na universidade escocesa.

**Dupla titulação** – De acordo com Karin, essa tem sido vista como uma oportunidade de solidificar o trânsito internacional do PPGGeo – que tem inserção regular em universidades da França, Alemanha, Inglaterra, Espanha, Israel, Estados Unidos, Canadá, Austrália, China, Japão, África do Sul, Cuba, Colômbia, Argentina, Portugal, Uruguai e Chile. O programa também já conta com várias parcerias e acordos com empresas internacionais, mas esta representa uma nova oportunidade: “Entre as empresas estrangeiras que atuam com petróleo no Brasil, a BG é a que tem mais verbas para investir”, justifica a professora. Na avaliação do coordenador do Programa de Pós-graduação em Geociências, Elírio Toldo Júnior, o convênio com a University of Aberdeen representa a possibilidade de desenvolvimento de projetos relacionados aos temas de ensino abordados pelos docentes da UFRGS. “Isso projeta uma situação favorável de troca e transferência de conhecimentos para todos os alunos do Programa”, ajuíza. “O PPGGeo titula”, evidencia o professor e pesquisador, “em média, 40 mestres e doutores anualmente. Estamos próximos de alcançar a milésima titulação, e este convênio é um acréscimo importante na busca de qualificar competências na formação de pessoal”.

Entre os bolsistas que cursarão seus estudos de pós-graduação como parte do projeto, vinte serão de doutorado – tanto na modalidade plena (com quatro anos feitos no exterior, mas com dupla titulação por ambas as universidades) quanto na modalidade sanduíche (com um estágio de um semestre ou dois feitos no exterior). Além disso, cinco doutores realizarão seus estudos de pós-doutorado na UoA. Os partici-

pantes dos programas serão orientados simultaneamente por professores e pesquisadores brasileiros e escoceses em regime de cotutela. Também um pós-doutorando da UoA realizará estudos na UFRGS, com o objetivo de estimular a transferência de conhecimentos. Quanto aos assuntos a serem estudados, Elírio destaca o fato de todos serem relativos à porção mais externa do planeta, sobretudo os sistemas sedimentares. “A crosta terrestre tem gravada em suas rochas e fósseis a história evolutiva da Terra e contém todos os recursos metálicos, não

metálicos e energéticos necessários para a sustentação da humanidade”, aclara. “São temas relevantes para a ciência e para o desenvolvimento econômico e social brasileiro, pois enfatizam a geologia de petróleo, gás natural, carvão, metais, água subterrânea, sedimentos da margem continental brasileira e do continente Antártico”, acrescenta o coordenador. A expectativa é de que as quatro áreas de interesse do PPGGeo sejam contempladas com pesquisas: estratigrafia, geoquímica, geologia marinha e paleontologia.

## Os primeiros a embarcar

Os primeiros cinco participantes do projeto a embarcar para Aberdeen são estudantes graduados em Geologia pela UFRGS e que agora darão prosseguimento a seus projetos de pesquisa na instituição escocesa. Todos os que embarcaram recentemente farão lá a totalidade de seus estudos de doutoramento. Guilherme Bozetti é um desses acadêmicos e espera que os estudos que desenvolverá na Escócia sejam uma oportunidade para aprofundar seus conhecimentos relativos aos canais submarinos da Bacia de Campos – reserva petrolífera situada no litoral brasileiro. “Vou trabalhar com um grupo de ponta em pesquisas de reservatórios de água profunda. Como há um vínculo com uma empresa, existe uma cobrança quase de um trabalho na própria indústria”, diz. Matheus Sobiesiak também vai desenvolver na UoA um projeto de pesquisa acerca da Bacia de Campos, mas sobre depósitos marinhos profundos de hidrocarbonetos. “Esse intercâmbio”, destaca Matheus, “é também uma ótima oportunidade de crescimento pessoal, pois estaremos em uma cultura completamente diferente da nossa e com pessoas de todos os lugares do mundo.”

Julia Gezatt conduzirá uma pesquisa para avaliar as temperaturas às quais os sedimentos que preencheram as bacias presentes na costa brasileira foram submetidos durante sua evolução e também a determinação de áreas-fonte. “Essa oportunidade possibilita o

acesso a diferentes grupos de pesquisa, a laboratórios e a grandes pesquisadores, o que certamente contribuirá para o aprimoramento do Instituto de Geociências da UFRGS como centro de pesquisa em óleo e gás e formação de profissionais competentes da área”, avalia. E destaca: “Seremos os primeiros responsáveis por trazer de volta à UFRGS o conhecimento adquirido por meio desse convênio, assim como poderemos dar continuidade a esse crescimento, contribuindo para o avanço da pesquisa na instituição”.

Com um projeto de doutorado que pretende obter dados para investigar a proveniência dos sedimentos da Bacia de Campos, Thisiane Santos, geóloga, também fará um doutorado pleno no exterior. A doutoranda pretende, com a experiência internacional de pesquisa, aprender técnicas que não são utilizadas na UFRGS e, depois, trazer esse conhecimento para a Universidade. Já Patrícia Pinter irá dedicar-se ao estudo dos campos de extração de petróleo situados na costa italiana, que apresentam características semelhantes às das reservas brasileiras. Para ela, o ponto alto do intercâmbio será o contato com uma empresa do porte da BG: “A parceria com a indústria petrolífera direciona os projetos de pesquisa à solução de problemas e pesquisas aplicadas, e assim o mercado de trabalho fica abastecido com profissionais qualificados, aptos a concorrer mundialmente”.



# A disseminação de uma língua

**Ensino a distância** Em parceria com a UFSC, Universidade formou a primeira turma de bacharéis em libras

FOTOS: FLÁVIO DUTRA/JU



Samantha Klein

Mesmo com o sucesso que uma graduação a distância teve ao formar 55 profissionais para lecionar libras e ser intérpretes, não há previsão para uma nova edição do curso na UFRGS. Por outro lado, a necessidade de mais professores impulsiona os primeiros estudantes surdos e os ouvintes fluentes na língua brasileira de sinais a buscarem formação universitária, mostrando o quão importante é a valorização desse conhecimento dentro das faculdades de educação e o porquê da meta de criar uma formação em pedagogia bilíngue.

Quando o ensino de libras passou a ser obrigatório em todos os cursos de graduação, enquanto crescia a pressão para o oferecimento de disciplinas eletivas para todos os universitários, houve comemoração tanto na comunidade de surdos quanto na acadêmica. Porém, de onde sairiam profissionais capacitados para suprir tal demanda? Para tentar minimizar a carência, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) tomou a dianteira no processo de adequação ao decreto n.º 5.626/05 do Ministério da Educação que regulou o ensino de libras nas universidades e escolas. E o caminho escolhido foi o ensino a distância.

**Sonho lapidado** – Com enormes olhos azuis que falam tanto quanto as mãos, a professora substituta do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS Bianca Pontin conta que se formou há dois anos no curso de Letras Libras, oferecido inicialmente no polo da Universidade Federal de Santa Maria. Para ela, mais do que a oportunidade de ter um diploma, essa foi a maneira mais fácil de concretizar um sonho ainda maior: mostrar o valor da língua de sinais e derrubar a crença de que os surdos não podem escrever bem em português.

Para quem não tem contato com a comunidade surda, talvez seja difícil compreender o estigma que existe em torno da escrita daqueles que não escutam. Sendo o português uma língua de reconhecida dificuldade gramatical e de fato um segundo idioma para os não ouvintes, como escrever de forma correta se os próprios professores nas escolas não dominam a língua de sinais? “Para ensinar a redigir conforme as estruturas verbais do português, o esforço é grande, porque na língua de sinais não existe, por exemplo, a conjugação dos verbos. Por isso, alguns professores não conseguem explicar o conteúdo, a formulação das frases e acabam fazendo um trabalho mais leve. Já ouvi discursos do tipo: ‘o surdo escreve assim mesmo, meio errado’ – mas o que falta mesmo é educar corretamente. Sei que é difícil, mas precisamos de um pouco de paixão por ensinar”, diz por meio de sinais.

**Oportunidade única** – Para realizar sonhos como o da Bianca, a solução

encontrada a partir da normativa do MEC foi disseminar rapidamente o ensino superior com o apoio à criação de um curso de Letras Libras por meio da modalidade EaD. Como a UFSC já tinha um projeto pronto, no ano seguinte ao decreto o curso foi lançado para a formação de professores em nove polos de universidades de todo o país. Dois anos depois, a UFRGS foi selecionada para oferecer o curso de licenciatura e de bacharelado – este último privilegiando os ouvintes que se formaram tradutores e intérpretes.

Porém, como o curso foi realizado a partir de verbas do governo federal, na Universidade a oportunidade foi única. Em contrapartida, para receber o ensino a distância, as universidades foram incentivadas a criar seus próprios cursos. As tratativas com o Instituto de Letras ainda não começaram, mas de antemão é conhecida a falta de professores na língua de sinais. Por enquanto, a meta é criar o curso de Pedagogia Bilingue na Faculdade de Educação (Faced) para contemplar a formação de educadores desde o ensino fundamental, argumenta a professora Adriana da Silva Thoma, coordenadora do curso. “O Letras Libras tem um propósito inclusivo muito importante, mas para que os alunos tenham acesso à língua de sinais são necessárias propostas educacionais que pensem na totalidade da educação, já que, estatisticamente, 90% dos surdos são filhos de pais falantes, o que significa que eles vão ter acesso à língua somente nas escolas”, relata.

A partir do curso EaD, 1,3 mil pessoas concluíram a graduação, e a Universidade Federal de Santa Catarina passou a oferecer o curso presencial em 2009 em razão da procura e da necessidade de formar mais profissionais. “Somente a UFSC tem 21 cursos de licenciatura, e a demanda é por 16 docentes, mas temos apenas três concursados, os demais são substitutos. Por isso, percebemos a importância dessa graduação; a demanda por profissionais nas universidades é emergente, assim como na educação básica. Os alunos surdos precisam de professores intérpretes para trabalhar com a mesma língua, e os ouvintes devem ter a preparação para entender os surdos”, relata a coordenadora geral do curso EaD, Ronice Müller de Quadros.

O curso funciona em ambiente virtual no qual os estudantes têm de realizar tarefas desde as mais diversas leituras sobre teoria de linguagem, interpretação da Língua Brasileira de Sinais, análise do discurso até a gravação de vídeos para comprovar o conhecimento do conteúdo das aulas. Além disso, eles precisam comparecer ao polo nos encontros mensais. Mas a produção de conteúdos tem um alto custo, acrescenta Ronice. “O curso a distância é muito caro porque precisa de profissionais de diferentes áreas para fazer os materiais; necessita de professores, tutores, espaço para armazenar uma enorme quantidade de materiais e vídeos.

Os alunos receberam todas as apostilas e os DVDs para o estudo”, explica.

**Aluna especializada** – A grande maioria dos profissionais que conhece a língua brasileira de sinais começou atuando em escolas especiais ou estava ligada à religião. É o caso da intérprete Adriana Arioli, que iniciou sua trajetória no mundo dos sinais a partir do trabalho realizado na Escola Especial Concorórdia. Dentro do próprio colégio surgiram as oportunidades de ser intérprete e, atualmente, ela trabalha na UFRGS em todas as situações em que se faz necessário traduzir o português para libras.

Quando surgiu a chance de cursar a graduação em 2008, ela não perdeu tempo e nenhuma das disciplinas: “Já era formada em Letras Português, poderia ter feito o aproveitamento das matérias, mas resolvi fazer a graduação completa e não me arrependo. O curso é voltado para libras, mas tem desde a teoria geral da linguística. Aprofundi meus conhecimentos na língua de sinais de forma sistemática e organizada didaticamente”, explica a recém-formada no bacharelado.

O senso comum de que o ensino a distância tem menor exigência parece não se aplicar, segundo a intérprete que tem 23 anos de experiência com libras. “Havia grande quantidade de atividades para fazer! Tenho a impressão de que foi mais exigente do que um curso presencial. Já era graduada, o que me facilitou um pouco, mas quem estava iniciando pode ter achado bem difícil”, sustenta.

Opinião semelhante tem a professora Bianca. “Senti que faltaram algumas disciplinas, como a de metodologia de pesquisa, mas o curso foi muito bom. Aumentei meus conhecimentos de libras e português, estou preparada. Além disso, tenho certeza de que não vai me faltar emprego; muitas cidades do interior precisam de professores”, destaca.

**Reconhecimento** – No país, a língua brasileira de sinais foi reconhecida como oficial somente há uma década. Já a professora Adriana Thoma lembra que apenas nos anos 60 é que os primeiros pesquisadores de linguística começaram a se interessar pelo tema e a entender como funciona a língua de sinais. Os estudos mostraram que libras tem gramática, semântica, sintaxe, entre outros elementos estruturantes, e são regras fixas, que só mudam mesmo com o uso. É Bianca, professora surda, quem ressalta o valor da comunicação por sinais. “O conhecimento aperfeiçoado em libras me possibilita explicar o valor linguístico e o porquê dos sinais não serem universais. Pergunto para os que me questionam por que o português não é universal. Mostro que existem sinais que são iguais, mas com significados diferentes, e lembro que isso também acontece nas línguas orais. É como a manga fruta e manga de camisa, por exemplo”, relata com a satisfação do dever cumprido.



Bianca Pontin (esq) é surda e professora substituta de Libras na UFRGS e foi tutora do curso oferecido na Universidade por meio da modalidade EaD

## Dois-pontos

Antônio Falcetta, revisor  
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br

Há questões em língua portuguesa que não impedem a compreensão geral do texto, uma vez que há um (con)texto que preenche ou reforça boa parte da carga de sentido dos enunciados, mas não é demais saber as diferenças de significado de certas expressões que, por semelhança, não raro têm seu uso equivocado. É o caso de:

### ► Ao encontro de ou de encontro a?

- *Ao encontro de* é uma expressão usada para designar uma situação favorável. Possuem significado similar: *em atendimento a*, *em favor de*.

*As contratações do time vão ao encontro das suas necessidades, ou seja, de uma solução para*

*seu problema ofensivo.*

*As minhas ideias irem ao encontro das tuas significa uma aproximação de pensamentos.*

- *De encontro a* é expressão que indica direção contrária, rota de colisão com, oposição a, desacordo com.

*O carro veio de encontro ao nosso ônibus* [ou seja, em rota de colisão, em direção oposta a].

*As minhas posições vão de encontro às tuas: eu sou pelo parlamentarismo, e tu, pelo presidencialismo.* [A locução, neste caso, significa em oposição a, em desacordo com.]

### ► A e (não) PARA

De modo geral, usamos de maneira

indiscriminada as preposições A ou PARA nos complementos verbais. Porém, vários verbos, como os escritos a seguir, demandam a preposição A [e não para]. Aconselhar, atribuir, consagrar, causar, ceder, comunicar, conceder, conferir, consagrar, dar, dedicar, devolver, dirigir, dispensar, distribuir, doar, emprestar, encaminhar, entregar, enviar, escrever, facultar, fornecer, informar, ministrar, ocasionar, oferecer, ofertar, ocasionar, oferecer, ofertar, outorgar, pagar, participar, prestar, proporcionar, receber, recomendar, render, restituir, revelar, vender.

Enunciados com esses verbos assim se estruturam: *verbo + alguma coisa + A alguém*  
São exemplos: *João emprestou seu prestígio*

*Ao jovem poeta. Deu o livro À amiga. Pagou a dívida Ao credor. Ofereceu seus préstimos À juíza. Comunicaram o fato Aos familiares.*

### ► De lambuja:

A NÍVEL DE – expressão banalizada de construção condenável. Evitar. Vejamos: *Decisão a nível de diretoria* é simplesmente **decisão de diretoria**; *Decisão a nível de Órgão Especial* é **decisão no âmbito/da alçada do Órgão Especial**; *Conselho a nível de pai* é **conselho paterno**; *Políticas públicas a nível de educação* são **políticas públicas de educação**.

O que existe, significando ‘à mesma altura, é **ao nível de**: ao nível do mar.



# A diferença que incomoda

## Especialização Curso aborda pobreza, gênero, orientação sexual e relações étnico- raciais na escola

Jacira Cabral da Silveira

Perplexa ao ouvir o desabafo da menina de quatro anos, assustada porque a polícia havia entrado em sua casa e levado preso seu tio, a supervisora educacional de uma escola estadual em Porto Alegre, há poucos meses no cargo, sabia que não podia dizer que 'estava tudo bem' para acalmar a garota. Depois de se recuperar do susto frente à cena insólita, perguntou à garotinha se ela acreditava no Papai do Céu, e sugeriu que pedisse proteção a ele sempre que sentisse medo. "Porque eu não podia ajudar", argumenta.

A sensação de impotência experimentada pela supervisora é comum entre professores que trabalham em escolas públicas próximas a regiões de vulnerabilidade social ou que atendem populações mais pobres. Estudo recente realizado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) constata a grande dificuldade dos docentes para lidar com a questão da pobreza e da desigualdade. Essa é uma das temáticas abordadas no curso de pós-graduação lato sensu *Educação para a diversidade*, que a Faculdade de Educação (Faced) realiza desde novembro.

Na modalidade educação a distância, o curso de especialização faz parte do Programa de Formação Continuada de Professores do Ministério de Educação (PEC/MEC), sendo oferecido a 400 docentes de escolas públicas das redes municipal e estadual. Além da questão

da pobreza a ser abordada na disciplina de educação ambiental, o programa abrangerá ainda as temáticas de gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. De acordo com Célia Caregnato, coordenadora do curso, todos são temas polêmicos e revestidos de preconceito dentro e fora da escola.

Essas e outras temáticas fazem parte do estudo da Fipe, encomendado pelo MEC em 2009 e que tem subsidiado ações dentro do PEC do governo federal. A pesquisa, realizada em 27 estados, entrevistou 18.599 pessoas no ambiente escolar. Conforme o levantamento, que buscou analisar a abrangência e a incidência de preconceito e discriminação na escola, 99,3% dos entrevistados têm algum nível de preconceito. Considerando especialmente as áreas de atuação do curso de *Educação para a diversidade*, os índices de preconceito foram: 94,2% étnico-racial, 93,5% gênero, 87,5% socioeconômico e 87,3% orientação sexual.

Segundo Célia, a finalidade do curso é mobilizar os docentes para trabalharem com conceitos que valorizem a interlocução entre professores, escola e estudantes: "Não há a possibilidade de se trabalharem conteúdos de maneira neutra, isenta ou objetiva. O professor que reconhece o espaço em que se dá a atividade educativa e os sujeitos com os quais trabalha tem mais condições de desafiar o estudante para que ele dê o salto em seu processo de aprendizagem. E isso requer abertura e comprometimento", ressalta.

**Desperdício pedagógico** – O impasse vivido pela supervisora escolar da cena descrita no início da matéria, entre outras implicações, resulta do desconhecimento da escola a respeito de quem é e como vive o seu aluno. Para o professor de História Cassiano Pamplona Lisboa, essa ignorância institucional, além de fazer com que o estudante 'se deixe do lado de fora ao entrar na escola', é um desperdício para a prática pedagógica e o envolvimento do aluno nas aulas. Ele divide com Tiago de Mello Garginin a

temática da educação ambiental no curso de especialização.

Na opinião de Cassiano, a escola é o espaço potencial para que as diversidades dialoguem e para que os sujeitos possam se sentir coparticipantes de determinado processo. Ele recorda sua experiência no ensino de adultos, migrantes em sua maioria, numa escola de periferia da Grande Porto Alegre: "Embora a trajetória do migrante seja marcante na vida de uma pessoa, a escola permanecia surda para essa realidade, privando-se de realizar um trabalho mais significativo para seus alunos e mais recompensador para seus professores", critica.

## Para os organizadores, esses são temas mal resolvidos na sala de aula

Nesse sentido, Cassiano pretende estimular os participantes do curso a serem intérpretes do seu contexto, do lugar no qual está inserida a sua escola e também do modo como vivem seus alunos: "Compreender melhor as relações entre os sujeitos, e dos sujeitos com esse lugar, nos fornece subsídios relevantes para desenvolver a prática educativa".

Talvez assim seja possível dar outro rumo às inquietações, como as relatadas pela supervisora já mencionada quando descreve o choque inicial de toda professora ou dos funcionários mais jovens que ingressam na escola e se deparam com crianças chegando para assistir à aula descalças e com pouca roupa nos dias de inverno: "A pobreza choca. Quando entrei aqui me falaram: 'não te preocupa, vais te acostumar'. Tu acabas tendo de aceitar e conviver com isso".

**Naturalização** – Essa conformidade se repete em outras situações do ambiente escolar, como as que denotam preconceito racial: "Olha sóra, a minha vila", Leonardo (nome fictício) comenta rindo quando aparece no vídeo um cartaz em que se lê: *Vila do Macaco*. Na avaliação da supervisora, o comentário do garoto comprova o quanto ele encara com naturalidade o fato de seus colegas o chamarem de macaco por ele ser negro: "Ele deixa que digam isso porque todos fazem brincadeiras uns com os outros que não parecem ofensivas. Eles moram perto uns dos outros, por isso lidam até que bem [com isso]", explica.

Para o professor Cláudio de Sá Machado Júnior, a carga pesada do ofício em sala de aula, que repercute muito da violência da sociedade contemporânea, é uma das razões do que ele chama de sensibilidade perdida do professor: "Acho que muitos deles perderam essa sensibilidade com relação a alguns pontos que podemos considerar graves. No caso dessa professora, ela naturalizou aquilo que não seria correto", interpreta.

Cláudio é um dos responsáveis pelo tema étnico-racial que faz parte do currículo do curso, especialmente no que se refere à cultura indígena, enquanto a professora Aline Cunha aborda a cultura negra. No que tange à sua disciplina, o professor diz que pretende dar visibilidade à diversidade dos povos indígenas, que compreendem mais de 200 etnias e 180 línguas em todo o território brasileiro. Também será abordada uma problemática mais recente, relacionada à cultura indígena urbana: "Partimos para um conceito mais complexo, que é o da cultura, destacando os valores desses povos e desfazendo essa ideia de que a identidade indígena restringe-se às vestimentas e aos apetrechos típicos".

**Violências múltiplas** – Noutro momento dessa mesma escola da capital, a supervisora chama à sua sala um dos alunos da oitava série do ensino fundamental que ela comenta ter atitudes

femininas. Após perguntar a ele como se sente quando o chamam de gay [ela evita verbalizar o adjetivo], o garoto responde que já disse àqueles que o provocam que gosta é de mulher: "Só porque uso calças justas?", retruca às provocações. Frente a tal resposta, ela avalia que o jovem encara a abordagem dos colegas como "mais uma brincadeira".

Fernando Seffner e Rosimeri Aquino da Silva, responsáveis pelas temáticas de gênero e de orientação sexual, não concordam com a interpretação da supervisora. Na análise dos professores, assiste-se nas escolas a muitas cenas de violência tanto objetiva como subjetiva. Assim como o professor Cláudio, eles ressaltam a naturalização desses preconceitos no cotidiano escolar.

Em sua dissertação de mestrado, Rosimeri estudou as sexualidades juvenis em tempo de AIDS (década de 90). De acordo com ela, numa época em que não faltavam situações de intolerância, discriminação e estereótipos, esse era um tema efervescente. Passados mais de dez anos, ela se surpreende com o fato de que essas ainda sejam questões centrais dentro e fora da escola, chegando a serem incrementadas com novas nuances: "Há uma espécie de acirramento de violências múltiplas direcionadas aos grupos menos privilegiados nesse grande quadro da sexualidade, em especial os grupos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais)", avalia a pesquisadora.

Aprendizado muito bem-sucedido entre as crianças e jovens, observa Rosimeri. Relacionando a temática de gênero ao episódio do menino que é chamado de macaco na escola – e cuja professora garante que ele não se importa com esse tratamento –, Rosimeri classifica esse fenômeno de perverso: "É a banalização das ofensas, inclusive pelos próprios sujeitos implicados", incomoda-se. Ela arrisca uma hipótese como explicação: "Seriam estratégias de sobrevivência dentro de um grupo que é hostil às diferenças? Dá para pensar por aí", conclui.



FLÁVIO DUTRA/JU



Em visita à Universidade, o ministro declarou-se orgulhoso por ter sido formado pelos pioneiros da UFRGS

# Cientista com ideais

**Marco Antonio Raupp** *Ministro rememora sua trajetória na UFRGS e fala dos projetos à frente do MCTI*

Everton Cardoso

“Ao magnífico reitor, ex-reitores, colegas professores da UFRGS, gostaria de registrar as melhores impressões sobre as atividades acadêmicas da UFRGS, nesta oportunidade de minha visita, retornando formalmente à minha *alma mater*. O progresso, na linha do estabelecimento da mais moderna infraestrutura e da alta qualidade científica e acadêmica das suas atividades, é visível e merecedor das minhas congratulações. Desejo, reitor, os melhores votos de um futuro brilhante para a nossa UFRGS. Um grande abraço a todos os amigos e colegas. Marco Antonio Raupp.” Assim, o atual ministro de Ciência, Tecnologia e Inovação registrou no livro de ouro da Universidade sua primeira visita oficial desde que, em janeiro deste ano, assumiu a pasta. Graduado em Física, Raupp viveu em Porto Alegre durante sua juventude até que, em 1967, foi para os Estados Unidos desenvolver seus estudos de doutoramento na University of Chicago. Em entrevista exclusiva ao JU, ele falou sobre seus planos à frente do MCTI, sobre seus ideais e sobre a juventude, quando estudava no Instituto de Física da UFRGS, jogava basquete e se engajara no Movimento da Legalidade.

**O que é possível destacar na atuação do Ministério?**

Estamos investindo bastante nas áreas de ciência, inovação e tecnologia, e vamos investir mais ainda. Temos de ter resultados que realmente contribuam para a modernização do país. A sociedade quer que se tenha sucesso, quer resultados e que estes impactem nas condições gerais de vida do Brasil. Os investimentos – por meio de políticas, bolsas e financiamentos – têm ido prioritariamente para as áreas mais tradicionais, como a do petróleo, do gás e da defesa, e para as áreas que tenham implicações tecnológicas importantes, como a da nanotecnologia e a da bio-

tecnologia. Nestas, temos de estimular o desenvolvimento, pois há muitas pesquisas espalhadas pelas universidades. Nossa ideia é que elas sejam estruturadas em uma rede e coordenadas a partir de um comitê em que todos tenham participação. Pretendemos, também, levar as empresas a tomar iniciativas.

**Quais foram os avanços nesses primeiros meses à frente do MCTI?**

A organização da política de software é uma conquista importante para esse ‘bem maior’. Nós abrimos aí um caminho, e isso foi muito bem recebido por toda essa área. Antes disso, conseguimos estimular o governo a não contingenciar o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) e a usá-lo plenamente. O que ocorreu apenas uma vez no passado, em 2010. Isso pode mudar o quadro e até mesmo o otimismo das pessoas que trabalham com ciência e tecnologia. Também desenvolvemos uma proposta de financiamento da cadeia produtiva na área de petróleo. Agora, estamos aprovando, com os secretários de ciência e tecnologia de todos os estados e os presidentes de fundações de amparo à pesquisa, uma cooperação na linha desses projetos de subvenção econômica às empresas e à cooperação entre institutos de pesquisa e empresas. Com relação às universidades, o grande impacto vai ser utilizar em uma dimensão maior o FNDCT. Nosso objetivo imediato é ganhar qualidade, o que demanda melhores recursos humanos, pós-graduação de alta qualificação e pesquisa de alto nível e competitiva internacionalmente.

**Áreas como Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas também podem se beneficiar disso?**

Todas as áreas têm de ser estimuladas. O FNDCT está aberto a todos os campos do conhecimento. Vamos financiar e incrementar as atividades científicas básicas tanto na pesquisa

em si quanto na formação de recursos humanos. Ninguém ficará de fora.

**Como foi retornar à UFRGS?**

Estudei aqui há muito tempo, saí para fazer pós-graduação e acabei, profissionalmente, nunca retornando. Sempre voltei ao Rio Grande do Sul por razões familiares. Tenho duas filhas que moram no estado, uma em Porto Alegre e outra em Santa Maria. Por isso, estou sempre por aqui. Mantive na Universidade algumas relações profissionais, como cooperações com os institutos de Informática, Física e Matemática durante a minha carreira.

**Vou me esforçar para estruturar a cooperação pela organização da ciência no Brasil**

**Como era estudar aqui nos anos 1960?**

Tudo está muito diferente. O Instituto de Física ficava no Câmpus Centro e os laboratórios eram muito precários. Agora vejo laboratórios como os que a UFRGS tem hoje, com acelerador de elétrons e íons... Máquinas como essa são importantes e permitem fazer pesquisa e formar um grande número de pessoas. Então, é algo significativo o que os professores pioneiros fizeram. É admirável! A pós-graduação hoje tem conceito sete, o máximo segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), e a produção científica é de alta qualidade, e isso é mérito deles. Quando olho para trás, fico até emocionado e orgulhoso

por ter sido formado por esses pioneiros. Eu, em vez de ficar aqui e ajudá-los, fui fazer pós-graduação nos Estados Unidos! [risos]. São contingências da vida.

**Como era a sua vida na capital?**

Eu me dedicava muito ao esporte: fui jogador de basquete. Jogava no time juvenil do Grêmio e cheguei até a atuar na equipe principal, mas só por uns dois ou três anos. Outra lembrança que tenho é do serviço militar, no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva. Eram bons tempos aqueles! Isso foi enquanto eu estava estudando na Universidade. Vida de estudante é uma alegria em qualquer lugar e em qualquer tempo. Uma fase em que você está aprendendo muito e descortinando o mundo. Em 1961, por exemplo, fiquei cinco dias dormindo na Praça da Matriz, em frente ao Palácio Piratini, engajado na defesa da Legalidade, para garantir a posse do então vice-presidente João Goulart. Eu atendi ao chamado do governador Leonel Brizola e me ofereci para lutar. Se tivéssemos que marchar sobre o Rio de Janeiro novamente, marcharíamos, como fizemos em 1930: esse era o espírito. Foi um momento heroico e inesquecível.

**Em algum momento imaginou que chegaria a ministro?**

Jamais. Nunca imaginei, porque é um cargo político, e eu não tinha essa atuação. É claro que sempre tive posicionamentos políticos sobre questões maiores. O engajamento no movimento para terminar com a ditadura e trazer de volta a democracia foi exemplo disso, mas luta partidária e para assumir posições de poder, muito pouco, porque me dedicava à pesquisa científica. Mas fui indo, acabei na Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC), e isso já é uma representação da sociedade. Então, comecei a pensar sobre a política em ciência e tecnologia: o que

se tem de fazer, o que se tem de propor, participei das discussões. Isso exigiu posicionamentos e, a partir daí, surgiram as oportunidades. Assim foi com esta de ser ministro. E tive de aceitar, não podia dizer não.

**Que ideais têm lhe servido de norte?**

Primeiramente, o ideal de seguir a carreira científica. Inclusive, saí do Rio Grande do Sul buscando esse caminho. E há outro ideal: o do posicionamento político, no sentido de cidadania, de contribuir para o desenvolvimento do país, de melhorar a nossa estrutura social, a organização de ciência e tecnologia. Não fosse isso um ideal, não teria atuado na SBPC. Isso é o que me leva a participar do governo, a querer realizar políticas públicas para dar um encaminhamento às questões do país. Além disso, tem a minha obsessão por participar como profissional do desenvolvimento da ciência e como representante da comunidade na discussão das soluções para a área científica ou para a organização da ciência.

**Como foi receber o convite para assumir um dos postos de maior poder dentro da sua área de atuação?**

Foi uma surpresa. Eu estava no segundo escalão do MCTI, na Agência Espacial, e era o mais velho dos secretários que estavam lá. Quando a presidenta Dilma me convidou, respondi que era muito velho e que ela precisava de alguém mais jovem. “Mas você tem dinamismo e isso é o que interessa”, ela retrucou. Isso é um elogio para mim. Não sei se foi esse o critério, mas quem sabe isso não foi uma solução natural... Fiquei emocionado, foi uma deferência, afinal, significa reconhecimento. É emocionante ser reconhecido como alguém capaz de desenvolver o trabalho. Vou me esforçar para estruturar a cooperação pela organização da ciência no Brasil para darmos uma contribuição de peso e de real valor.



# “Pobreza é crime”

**Martha Huggins**  
*Socióloga defende sistema de cotas e critica falsas democracias*

Jacira Cabral da Silveira

A socióloga e professora estadunidense do Union College de Nova Iorque Martha Huggins esteve na UFRGS em novembro para participar do seminário *O Negro e a Lei Penal*. No evento, promovido pela Liga dos Direitos Humanos e pelo curso de Especialização Ética e Educação em Direitos Humanos, da Faculdade de Educação da UFRGS com o apoio da Associação dos Procuradores do Estado do Rio Grande do Sul, ela apresentou uma conferência sobre policiamento e a questão racial.

Referência internacional em criminologia, controle social e direitos humanos, lecionou em universidades brasileiras em Pernambuco, São Paulo e Brasília entre as décadas de 70 e 90. Uma de suas obras mais recentes traduzida para o português, *Operários da violência: policiais torturadores e assassinos reconstruem as atrocidades brasileiras* (Editora da UnB, 2006, 548 páginas), foi realizada em coautoria com Mika Haritos-Fatouros e Philip Zimbarbo e está disponível nas bibliotecas do Instituto de Psicologia e do IFCH.

Ao iniciar a entrevista que concedeu ao JU, Martha comentou como teve de abandonar às pressas a sua casa em Nova Orleans, no estado de Louisiana, pouco antes de ser devastada pelo furacão Katrina, em setembro de 2005. Crítica do que ela classifica

como ‘democracias de fachada’, como a dos Estados Unidos, que prendem mais negros e pobres do que brancos e ricos, a educadora defendeu as políticas de cotas e condenou a privatização de presídios.

*Para o geógrafo chileno Hugo Romero, um dos efeitos de desastres como o Katrina e o terremoto de 2010 no Chile é o caos social, com saques e vandalismos. A senhora concorda com essa opinião?*

É interessante essa palavra: criminalidade. O que a maioria das pessoas queria antes e depois do Katrina era água, porque não havia água potável; queria comida, porque tudo havia estragado. Até mesmo a polícia declarou que as pessoas que tirassem algumas roupas das lojas ou comida dos supermercados não seriam consideradas criminosas, pois até eles [a polícia] precisaram fazer isso. Já os políticos disseram que essas pessoas eram criminosas, sim, porque estavam tirando grandes quantidades de tênis das lojas. Mesmo que uma minoria tenha feito isso, a mídia alardeou como se fosse uma ação generalizada, mas os flagelados não tinham força sequer para roubar, e o calor era insuportável. Para mim, criminosos são os altos juros praticados pelos bancos, bem acima de qualquer coisa que o povo paga. Crime é quando a classe média perde suas casas por causa desses juros abusivos, só que isso quase não ocupa espaço na mídia. O problema maior é a violência institucional e estrutural que resulta em gangues, miséria, pobreza. Pobreza é crime.

*A senhora poderia destacar alguns pontos de sua palestra na UFRGS sobre o policiamento e a questão racial?*

Quando cheguei ao Brasil [nos anos 70], resolvi que nunca faria uma crítica à realidade brasileira que não permitisse

uma comparação com o que ocorre nos Estados Unidos. Por isso, nessa conferência, comecei falando sobre violência sem dizer a qual país estava me referindo. Falei sobre o número de negros que vai para a prisão em comparação ao número menor de brancos que é enviado aos presídios. ‘Mas isso não é o Brasil’, disse, ‘estou falando dos EUA: a grande democracia que tem racismo dentro do sistema da justiça criminal’. No caso brasileiro, o negro é 55% ou 57% mais revistado na rua pelas patrulhas policiais. Uma estimativa aponta que ele provavelmente irá sete vezes mais para a prisão do que o branco ao longo de sua vida. Por outro lado, o branco em geral tem dinheiro para contratar um advogado particular, enquanto o negro precisa recorrer ao atendimento judiciário gratuito – sistema este que, por sua carga de trabalho muito grande, não consegue dar a mesma atenção que um advogado particular. Por isso, é muito provável que o negro vá para a prisão [mais que o branco] tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos.

*Qual a sua avaliação de instituições como a Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (Fase)?*

Argh! Eu me lembro da Febem de anos atrás, mas não sei a condição agora. Essas instituições eram verdadeiros criadouros do crime, totalmente fora dos direitos humanos. Não, esse tipo de instituição não dá. No Brasil e nos EUA é preciso eliminar o grau de pobreza que gera a criminalidade e mata o espírito da pessoa. Ninguém vai mudar substancialmente até que tenhamos uma redistribuição de renda para ajudar os muito pobres. Nos Estados Unidos uma coisa que funciona bem para jovens é o basquete durante a madrugada, quando ocorre a maior parte dos delitos. Com isso, reduzem-se os crimes porque eles estão ocupados. Preferimos prevenir a

punir, pois a punição lança os jovens ao convívio de pessoas com as quais aprendem sobre o crime. Algumas universidades, por exemplo, têm voluntários que atuam como ‘irmãos’ ou ‘irmãs’ daqueles que precisam de um modelo positivo, pois já têm algum caso de infratores em suas famílias. Os infratores menores de 18 anos de idade são enviados para o que chamamos de ‘corte familiar’, para guardá-los em casa, em lugar de colocá-los em prisões para adolescentes. Durante esse período, assistentes sociais do governo ficam encarregados de fiscalizá-los, mas isso só pode ser feito com muito dinheiro.

*E qual o seu pensamento a respeito das cotas nas universidades?*

Sou totalmente favorável. Primeiro, por ser uma educadora, porque um sistema de ensino funciona melhor quando há diversidade, quando existem diferentes pontos de vista por conta da experiência de vida diversificada dos alunos. Em segundo lugar, defendo as cotas por ser uma pessoa que luta pelos direitos civis e pelos direitos humanos. Não posso viver em um país que se diz uma democracia, mas não é capaz de proporcionar o ensino universitário a todos. Nos Estados Unidos, além de as escolas públicas serem em menor número, o ensino oferecido naquelas situadas em bairros pobres é inferior se comparado ao realizado nas escolas públicas de bairros ricos.

*Os jornais brasileiros noticiam crimes de jovens de classes média alta que ateiem fogo em moradores de rua assim como falam de jovens de periferia que entram para o crime organizado. De que forma a justiça de seu país trata esses crimes que envolvem jovens de diferentes classes sociais?*

Criminólogos nos EUA, com base em pesquisas, afirmam que 99% dos

americanos vão cometer um crime e poderão ser presos. Existem muitos brancos de classe média para cima fazendo coisas ilegais, mas a maioria não tem atenção da polícia. Quem tem essa atenção? O pobre. Quando os braços da polícia chegam aos ricos, estes têm privilégios que os ajudam a escapar da justiça criminal. Isso acontece por vários motivos: ou porque o pai conhece alguém dentro do sistema, ou porque eles têm dinheiro para contratar bons advogados. Existem juizes que têm mais simpatia pelos mais educados, pelos ‘meninos’ que parecem que não cometem crimes, que apenas cometem deslizes de conduta e, por isso, não são punidos. Não é o mesmo sentimento dispensando ao pobre ou ao negro. É claro que essa impunidade vai ampliar o crime; ela manda uma mensagem: você pode fazer o que quiser sem problemas.

*Como avaliar a privatização do sistema prisional como a que foi implantada em alguns estados norte-americanos?*

Não façam isso! A fiscalização é um problema nesses casos, e vivemos isso no meu país. A coisa privada nos Estados Unidos está fora de muitas leis. Para o governo, o setor privado tem capacidade de se autorregular e não está obrigado a deixar alguém do governo fiscalizá-lo. E o que pode acontecer com esse sigilo? Tortura, maus tratos com os trabalhadores. Se existe uma coisa que me dá muito desgosto nos EUA é o fato de as prisões privadas fazerem parte da Bolsa de Valores e de pessoas ganharem dinheiro com isso por meio da compra de ações. Isso me deixa enojada: em meu país tudo é dinheiro. Temos a maior população carcerária do mundo, com mais de dois milhões de presos, sem que nesses números estejam computados os detidos nas prisões privadas e nas prisões para jovens.



“Não posso viver em um país que se diz uma democracia, mas não é capaz de proporcionar o ensino universitário a todos”



FLÁVIO DUTRA/JU

Mia Couto diz que, quando sai em viagem por Moçambique, comporta-se como alguém que quer aprender, sem medo da sua própria ignorância ou dos imprevistos



# Literatura como síntese

**Entrevista** Escritor e biólogo moçambicano Mia Couto propõe um improvável, mas possível, diálogo entre literatura e ciência

Everton Cardoso

Menciona-se o nome do moçambicano Mia Couto e imediatamente ele é associado à literatura. Conhecido por seu cuidadoso trabalho como coletor de mitos, crenças e lendas de seu país natal, o escritor contrapõe-se, porém, à visão que relega essas narrativas a uma posição de menor importância. Para ele, ciência e saberes populares são possibilidades de conhecimento do mundo e lhe servem de inspiração para a criação. Autor publicado e traduzido em mais de 20 países e único escritor africano membro da Academia Brasileira de Letras, Mia Couto esteve na UFRGS para participar do Fronteiras do Pensamento.

Em entrevista exclusiva ao JU, fala sobre a literatura em seu país, sobre sua atuação como pesquisador e também sobre suas opiniões em relação à ciência e às relações entre dominantes e dominados.

**Como o senhor se coloca dentro da literatura moçambicana?**

Há várias literaturas em Moçambique. Existem autores trabalhando em diferentes áreas, em especial na poesia. Além disso, no cenário da África, houve um momento de afirmação, e a literatura trabalhava por essa grande causa de mostrar que tínhamos uma cultura e uma identidade próprias. Foi um momento histórico importante e necessário, mas hoje a produção

literária está se desprendendo desse papel. Isso é bom para a África e é bom para a literatura, nos torna mais livres. Tenho quase um sentimento de dívida com o Brasil, pois aprendi muito com a poesia brasileira. Sempre que venho aqui presto homenagem aos autores que marcaram a minha adolescência, principalmente Guimarães Rosa, que foi uma descoberta mágica. Eu já estava fazendo algo parecido, trabalhando no domínio da recriação vocabular, mas isso marcou o que eu viria a fazer depois. Também são referências os poetas brasileiros da geração dos anos 1950, 60 e 70: Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Manuel de Barros, Manuel Bandeira, Mario Quintana e, entre as mulheres,

“Sou um apaixonado pela ciência, mas me irrita muito essa ideia de que ela é o discurso que faz provas de verdade”

Hilda Hilst, Adélia Prado e Cecília Meirelles.

**Como se dá o processo de recriação da palavra?**

Ela já está lá, nós só a descobrimos. É como se, de repente, se passasse da superfície àquilo que é oculto, que está escondido. Eu não seria capaz de fazer isso se não fosse moçambicano, se não tivesse nascido naquele lugar. Em Moçambique, esse é um processo que não é só literário, mas social. Muitas pessoas vêm de outras línguas que não o português, mas elas têm de fazer dessa uma língua sua. Elas não querem que o lado da expressão de sua alma seja estranho, então moldam o idioma. Há muita reinvenção da estrutura gramatical e do vocabulário. A língua ali está muito viva, é como se estivesse em flagrante nascimento. Por exemplo, as pessoas dizem, no seu linguajar, ‘desconseguir’ – e constroem várias negativas dessa maneira. Dizem também “o meu carro ‘dormiu’ fora” quando o veículo passa a noite fora da garagem. Também perguntam “este jornal ainda ‘trabalha’?” para saber se a edição é a do dia. Essa ideia da animação do objeto é própria de outra lógica, e eu gosto dela, me dá um universo em que não há fronteiras, no qual vemos as coisas com alma. É como se percebêssemos que as coisas falam conosco, e que não somos donos exclusivos da fala e da língua. É uma sintonia em que já não somos o centro.

**Tendo sido Moçambique colônia portuguesa até 1975, como é a relação de vocês com a antiga metrópole?**

Ainda é muito ambivalente. Moçambique vive, ainda, a situação em que o que fazemos é muito condicionado pelos outros, mesmo que seja pela negativa: ‘vamos mostrar aos outros que sabemos e podemos fazer literatura’. Ainda existe certo complexo, uma síndrome de quem ainda está colonizado mentalmente. O que acontece no Brasil, hoje, é um exemplo de que é possível mudar isso. Olha-se para o país como uma saída para a situação de crise mundial.

**O português ainda ocupa em Moçambique uma posição de língua do outro? E a literatura?**

Nas cidades já é uma língua apropriada, mas no campo [o português] ainda é [a língua do outro]. Cerca de 3 milhões de pessoas no país todo – numa população de 20 milhões – ‘moram’ na língua portuguesa, e os livros circulam entre elas. Depois, se o livro quiser saltar essa fronteira, tem de ser transformado. Eu, por exemplo, trabalho com grupos de teatro, com adaptações para rádios, com traduções dos textos para outras línguas locais – não por escrito, mas faladas. O texto, nesses formatos, é muito bem aceito. O teatro tem, hoje, em Moçambique, uma vitalidade muito grande, não ficou amarrado ao livro. Percebe-se que as pessoas têm um grande fascínio pela escrita e pelo livro como um sinal de modernidade. E elas querem habitar isso, e não viver onde estão, ser quem são.

**Como é sua relação com o resto do mundo?**

É preciso ser mundo para ser Moçambique. Há uma falsa dicotomia entre ser-se uma coisa e outra; nós somos uma coisa porque somos a outra. O que faço é viajar, e o contato com outras maneiras de fazer é vital para mim. Outros escritores moçam-

bicanos também estão viajando, pois estamos em uma condição muito remota. Moçambique é muito longe, no sentido de que, para os outros, não existe. Tenho muita saudade de lá, tenho uma grande necessidade de voltar. O que fascina em meu país é essa sensação de que já não somos somente mais uns. Há uma pátria para se inventar, para ser construída.

**Em sua carreira como biólogo, para que temas se voltam suas pesquisas?**

Faço estudos de impacto ambiental. Há um componente de investigação, embora seja aplicada. Estou sempre em viagem pelo país, vendo coisas e gente muito diversa. É uma aprendizagem permanente, pois, enquanto estou lá como biólogo, tenho tempo de falar com pessoas e mergulhar em mundos rurais em que não aparecia nenhum branco há 50 ou 60 anos. É uma espécie de confronto de mundos, e me sinto um pioneiro nesses encontros. Interessa-me, sobretudo, a forma como essas pessoas percebem a natureza. É uma fronteira entre biologia e cultura. Quando chego, olho para a árvore e a identifico por seu nome científico e suas características botânicas, mas depois tenho de reaprender que ela é outra coisa. Para as pessoas, uma árvore não é só uma planta; é uma casa de espíritos, um lugar sagrado, uma residência de histórias.

**Como é atuar entre ciência e literatura?**

O que me agrada é saltar esse limite. De repente, estou biólogo, investigador; depois, estou escritor. Isso tudo se embaralha e quero mesmo que seja assim, pois no fundo desejo uma visão holística e integrada do mundo em que não temos de classificar. Aliás, a pressa em fazer isso é um traço europeu. O sábio, na Europa, é o que responde primeiro; na África, é o que responde por último, que dá tempo e que sabe que o silêncio não é uma ausência.

**Os mitos, as histórias e as crenças populares coletados em suas andanças são conflitantes com a ciência?**

Infelizmente são. Parece que a Europa tem saberes e a África tem crenças, mas muitas vezes não é bem assim. Por exemplo, nas línguas nativas moçambicanas não há uma palavra para dizer natureza, e esse é um modo de mostrar que há uma visão profundamente ecológica que não traça uma divisão entre a sociedade e a natureza. A natureza está dentro de nós, somos parte dela. Quando saio para essas expedições, não vou como um visitante a um mundo exótico, mas como alguém que quer aprender. Chego como ‘mulungo’ (estranho, nas línguas nativas), mas é o percurso dessa posição à de ‘mulande’ (pessoa do lugar) que me agrada. Coloco-me como alguém que escuta com a alma, não só tomando notas de pesquisador. É um processo de negociação de saberes. Não tenho medo da minha própria ignorância ou dos imprevistos.

**Qual é a sua concepção de ciência?**

Sou um apaixonado pela ciência como construtora de uma das narrativas possíveis do mundo. Mas me irrita muito essa ideia de que ela é o discurso que faz provas de verdade. Ela até pode ser a visão mais apurada nessa busca, mas tem de caminhar junto com outros saberes. A literatura que faço é um trabalho de síntese desses olhares.



Eduardo Balbinot, doutorando do PPG em Física, disse que a descoberta representa um passo a mais para a tese que terá de escrever sobre observação e detecção de aglomerações estelares

# Um nome no céu

**Astronomia**  
*Em meio à transformação da área pelas novas tecnologias, aluno da UFRGS descobre satélite da nossa Galáxia*

Samantha Klein

A Astronomia não é mais a mesma. A partir do avanço da tecnologia, do uso de supertelescópios, de softwares que analisam as imagens de estrelas cada vez mais distantes do Sistema Solar e do aumento da capacidade de armazenamento dessas informações, os astrônomos têm a possibilidade de descobrir galáxias e estrelas nunca antes imaginadas. É o caso do brasileiro Eduardo Balbinot, que marcou o nome dele no cosmos com a descoberta de um satélite da Via-Láctea.

Trabalho difícil em razão da distância de mais de 10 mil anos-luz: o aglomerado de estrelas batizado Balbinot 1 está nos confins da nossa galáxia, situado no halo (o disco) que existe no entorno dela. O achado, que deve auxiliar a compreender como a Via-Láctea se formou, também revela o precedente que se abre para a comunidade científica. O descobrimento de Eduardo somente foi possível pela apuração das imagens cada vez mais reveladoras, o que em tempo anterior à e-Astronomia – astronomia de enorme quantidade de dados – seria impossível.

**O acesso** – Uma das maiores dificuldades para um astrônomo é acessar os dados compilados a partir das imagens obtidas nos telescópios. No caso de Bal-

binot, assim como o professor orientador, Basílio Santiago, ambos do Programa de Pós-graduação em Física da UFRGS, eles fazem parte de um projeto de colaboração internacional, o Sloan Digital Sky Survey III, capitaneado pelo Laboratório Interinstitucional de e-Astronomia (Linea), que congrega o Observatório Nacional, o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas e o Laboratório Nacional de Computação Científica. É justamente o Linea que dá o suporte para acessar o grande volume de dados.

Para auxiliar na busca pelos aglomerados candidatos a estrelas ou galáxias anãs, foi usada a ferramenta de computação FindSat precisamente porque encontrar as reuniões de fontes de luz pode não ser tão fácil. “O que me levou a acreditar e a ter certeza da descoberta foi que, depois de utilizar os dados do Sloan, dentre a lista de candidatos estelares, observamos com um telescópio maior e melhor e, usando essas informações, conseguimos provar que se trata de um grupo de estrelas coeso que se formou mais ou menos ao mesmo tempo e com a mesma composição química”, relata Eduardo.

A segunda dificuldade é que as imagens dos catálogos gerados pelo projeto Sloan III, na sua grande maioria, têm fontes muito tênues, isto é, estrelas com algo como um décimo de milionésimo do brilho que o olho humano consegue detectar. “Você tem uma enorme quantidade de pontos reunidos em um catálogo, que podem ser estrelas, mas também galáxias anãs. Dessa forma, você precisa confirmar se aquele é um sistema estelar ou um aglomerado de galáxias a centenas de milhões de anos luz. Com essa distância imensa, tudo parece uma só estrela”, complementa o professor Basílio.

**Mudança de paradigma** – A busca por novos aglomerados continua no Laboratório de Astronomia do Instituto de Física da UFRGS. Por enquanto, estão sendo utilizados equipamentos com boa

capacidade de armazenamento, mas que são simples computadores de mesa. Em breve, usar esses aparelhos será impossível em função do volume de dados sobre astros e outros objetos encontrados no universo. Por outro lado, a tendência é de que mais descobertas sejam realizadas, pois os supertelescópios captam imagens mais “fundas”, ou seja, asteroides com brilho menor, pois estão muito distantes.

Nesse sentido, há muito a ser decifrado no campo da arqueologia astronômica, porque os modelos de formação de estrutura dos cosmos hoje indicam que uma galáxia grande como a nossa se formou a partir de fragmentos menores que foram sendo engolidos há bilhões de anos.

Nos confins da Via-Láctea, o disco que se formou ao longo de toda a história evolutiva acumulou muito material gasoso que se transformou em estrelas. “O halo foi o primeiro a se desenvolver e contém as formações estelares mais velhas. Como o processo de constituição inicial é mais violento, com muitas fusões de elementos menores, os aglomerados que existem hoje são provavelmente sobreviventes desse processo. A população remanescente de objetos, dos quais Balbinot 1 é um exemplo, guarda registros fósseis desse processo evolutivo do halo”, relata o orientador da pesquisa.

Para revelar tantos astros que ainda serão observados, é necessário mais astrônomos e maior capacidade de armazenamento de informações processadas a partir da varredura que os telescópios fazem. “Já estamos na escala de armazenamento em petabytes”, ressalta Eduardo, ou seja, um volume que tem quinze zeros depois da dezena. Por isso, a equipe de pesquisadores da UFRGS prevê que será preciso usar a estrutura do Linea para avançar nas pesquisas.

Nos próximos anos, está previsto o projeto LSST – Large Synoptic Survey Telescope –, que vai fazer imagens do hemisfério sul celeste em escala ainda

maior, e centenas de outros satélites da Via-Láctea poderão ser descobertos. A meta para a próxima década é avaliar o céu a cada quatro dias a partir de um telescópio a ser instalado nas proximidades do Observatório Interamericano Cerro Tololo, no Chile. Basílio acredita que a escala do tempo será mais bem avaliada em astronomia com essa nova perspectiva. “A gente acha que se obtiver uma imagem do céu hoje, amanhã e daqui a cinco meses ela será a mesma, mas não é bem assim. A maioria das fontes astronômicas será exatamente igual, pois elas evoluem em uma escala de tempo muito longa, mas algumas são variáveis em dias.”

**Desafio** – Está em andamento o levantamento de imagens a respeito do maior mistério da astronomia na atualidade. Há cerca de uma década, descobriu-se que o Universo segue em expansão, ao con-

trário do que os cientistas acreditavam. Em lugar da presumida desaceleração do crescimento do cosmos, as evidências sobre o aumento acelerado mostraram que existe alguma coisa que os cientistas ainda não sabem o que é, mas que mantém o universo em movimento. Essa “coisa” foi chamada de energia escura.

Por isso, a participação dos brasileiros no projeto, também de escala internacional: o Dark Energy Survey (Des-Brasil) vai possibilitar aos pesquisadores da Universidade atingir a meta, que não é especificamente de desvendar o mistério da energia escura, mas aumentar as chances de descobrir mais satélites galácticos. “Esse projeto vai levantar algo na ordem de 300 milhões de galáxias, 100 milhões de estrelas no hemisfério sul celeste e milhares de outros objetos – fora a energia escura em si que irá envolver a observação de supernovas e centenas de milhares de galáxias”, destaca Santiago.

## Olhando para o universo

O doutorando Eduardo Balbinot mescla o gosto pela astronomia com a tecnologia da informação e agradece aos avanços da ciência. “Antigamente, a astronomia era “de olho”, os astrônomos podiam dizer pouca coisa, por exemplo, se havia gás em torno de uma estrela e a cor desse astro. Com os telescópios digitais, começamos a medir muito melhor o brilho e a posição das estrelas, mas sem a cultura de observar grandes proporções do céu de forma sistemática. A partir desses grandes levantamentos de imagens, foi gerado um catálogo de fontes de luz muito grande e ficou impraticável trabalhar convencionalmente sem as técnicas de computação mais avançadas. A tecnologia da informação me ajudou

nessa descoberta, já que trabalhei com uma tabela de estrelas em que havia 80 milhões de fontes de brilho. Não tem como contar isso na ponta do lápis, né”, alega entre risos.

Por outro lado, o cientista de apenas 25 anos tem uma pequena recomendação para quem se interessa pelo tema. “Digo que faria meu trabalho por comida e casa, mas tenho que acrescentar para os futuros astrônomos que não é fácil conseguir uma colocação rápida no mercado. Tem que persistir bastante, mas faço isso por paixão. Já a descoberta não mudou em nada a minha vida, é só um passo a mais para a tese que tenho de escrever sobre observação e detecção de aglomerações estelares.”



# Não é luxo, é universalidade

## Design

Quarta edição do Prêmio Bornancini mostra por que não se deve ter medo de ousar

Samantha Klein

O que a coleção de talheres de rezeiros criada lá na década de 70 tem em comum com um aparelho que poderá beneficiar os deficientes visuais para evitar tropeços em barreiras próximas ou ainda com um micro-ondas que pode ser usado com segurança por um idoso? Os usos são distintos, mas três aspectos permeiam os objetos que acabam tornando o dia a dia mais fácil: forma, funcionalidade e estética. Pois para nada serve um belo produto que não tenha um formato prático, da mesma maneira que as pessoas não se interessam por um objeto desprovido de formas harmoniosas e que prima somente pela utilidade.

Por outro lado, se o design tem um rápido desenvolvimento, qual é a fronteira para a indústria acompanhar a inovação? Numa crítica à política taylorista de erro zero nas corporações, o design chega para abalar padrões de produção, e também para mostrar produtos que podem e devem ser desenhados para todos os públicos. O Prêmio Bornancini, em homenagem ao grande expoente do design gaúcho, é um ponto de partida para reconhecer o que é criado aqui e também sacudir o empresariado para a revolução do design.

**Um prêmio de gênio** – Na verdade, foram dois gênios, mas um deles se foi em 2008, por isso a homenagem. José Carlos Bornancini e Nelson Ivan Petzold formaram uma dupla de designers industriais que desenvolveram mais de 200 produtos para diversas marcas ao longo de décadas de trabalho conjunto. A garrafa térmica que não precisa ser aberta totalmente para servir café ou água quente foi uma invenção deles. Eles também criaram a mítica coleção de talheres infantis “Comer Brincando”, com rezeiro, rainha e cachorrinho, que aqueles com mais de 30 certamente vão lembrar. Entre outras criações vendidas para outros países, a dupla teve a ideia de substituir o pino de metal das tesouras por um de náilon, o que tornou o corte mais preciso, bem como desenvolveu tesouras sem fio para as crianças. Esse foi o ponto para iniciar a premiação bianual para estudantes e profissionais que estão no mercado, mas também para revelar o que vem sendo produzido no estado.



O aluno Stefan Fernandes foi premiado por criar, juntamente com um grupo de colegas, um micro-ondas com comandos em braille para uso universal

**Inclusão** – A quarta edição do Prêmio Bornancini, realizada no dia 7 de novembro no Salão de Festas da reitoria da UFRGS, teve mais categorias neste ano, e uma delas buscou responder à seguinte questão: o que é um objeto universal? Segundo os designers, significa criar produtos que possam ser utilizados por todos, sem adaptações para o público com necessidades especiais.

Embora essa preocupação seja impulsionada pela obrigação imposta pela legislação, pouco se faz por iniciativa da indústria. “O design universal ainda não se tornou um política. Se você for conversar com as pessoas que precisam de talheres adaptados, descobre que muitas das crianças preferem não comer na escola a ter que usar equipamentos totalmente enjambados. No caso do idoso, os produtos são desenhados sem reparar em detalhes mínimos para contemplar esse público. Posso citar as instruções de uso escritas em fonte muito pequena, por exemplo”, afirma Mário Verdi, presidente da Associação dos Profissionais em Design no RS (ApDesign), justificando a criação da categoria.

**Já para a cozinha!** – Um dos lugares favoritos da casa, por motivos que dispensam explicação, o design sempre acompanhou a evolução dos utensílios que povoam esse canto tão especial do lar. Desde a adaptação do fogão para as brasileiras, que são mais baixas que as estadunidenses, na longínqua década

de 1960 (justamente por Bornancini e Petzold), a aparelhos que cozinham alimentos sem gordura, a estética aliada ao benefício e à funcionalidade andam juntos. Porém, entre todas as inovações possíveis, como proporcionar segurança para os deficientes ou idosos na cozinha?

Pensando em todos os públicos é que o designer e aluno do Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Stefan Fernandes, em parceria com outro colega, durante seis meses projetou um micro-ondas para uso universal que inclui comandos em braille. Stefan explica que os diferenciais do aparelho são a balança interna, que ajusta automaticamente o tempo necessário de cozimento, um botão de auxílio sonoro e a inscrição em braille que permite o uso seguro para os cegos. “Os deficientes visuais fazem parte de todos os demais usuários a quem este projeto se destina. A ideia era a inclusão, ao criar um produto estética e formalmente atraente e ao mesmo tempo funcional para todas as pessoas, independentemente de suas limitações”, destaca a estudante que venceu o Acadêmico do Ano – considerada a maior premiação do Bornancini –, além de ter arrebatado mais sete prêmios.

**Sem pedras no caminho** – Já o maior aliado para um deficiente visual ter autonomia é a bengala ou um cão-guia. Porém, acidentes desagradáveis acontecem com frequência. Para imaginar

o problema, basta lembrar da altura de um orelhão: mobiliário urbano pensado somente para as pessoas que enxergam, já que o formato do projeto obriga o usuário a se abaixar e “encaixar” no telefone. Por isso, os estudantes Lucas Cargini e Evandro Perondi imaginaram um dispositivo para detectar a distância dos obstáculos. Com uma forcinha da engenharia eletrônica, criaram o Usee – o protótipo de um aparelho que terá o tamanho de um celular smartphone com ultrassom, baseado nos modelos de sensores de estacionamento utilizados em carros.

A ideia é que o dispositivo possa ser usado na cintura e, à medida que a pessoa estiver se aproximando de um objeto, ele vibre, alertando para a proximidade do obstáculo. “Em nossa pesquisa com a comunidade de cegos, a principal reclamação foi o problema com o choque contra objetos na rua. Descobrimos que não havia nada igual no mercado e, pela funcionalidade, pudemos vender a ideia. O aparelho vai ter um custo diferenciado de acordo com a capacidade do sensor de distância”, ressalta Lucas, que foi ganhador na categoria Design Universal do Bornancini deste ano e projeta um custo de R\$ 250 por unidade.

Nesse contexto de produção de novos equipamentos que abarcam todos os consumidores, a palavra-chave talvez seja respeito ao indivíduo. “Desde o início da trajetória de formação, é importante aliar responsabilidade social à

qualidade de vida nos projetos elaborados, o que inclui pensar em todo o ciclo de vida de um produto. Que resíduos serão produzidos durante a produção e o descarte, e o que será feito com este material”, lembra o professor de design da UFRGS Eduardo Cardoso.

**Ideias para uma nova indústria** – Existem dois problemas que parecem acometer o mercado gaúcho depois de tantas inovações, muitas delas assinadas pela dupla Bornancini e Petzold. Um deles se refere à proibição do erro na tomada de decisões, o que colabora para minar a criatividade, justamente porque não há espaço para a tentativa e a inovação.

Por outro lado, há um discurso de que a universidade vive numa ilha, descolada do mercado. Quem refuta essas afirmações é o presidente da ApDesign.

Segundo Mário Verdi, faltam ousadia e um olhar voltado para a invenção. “Desafio os empresários que criticam a criação universitária a conhecer o que é produzido. Não é à toa que na categoria ‘design universal’ somente os alunos venceram, o que reflete o novo que sequer chegou ao mercado. Quem está produzindo precisa se renovar, e a indústria gaúcha está em declínio porque ficou para trás. Exemplo clássico disso é o setor coureiro calçadista. Quem se renovou manteve um design próprio e a qualidade; persistiu mesmo com a invasão dos produtos chineses. Quem não se renovou, foi superado”, pondera.

## JU indica



### Controvérsias da questão social – Liberalismo e Positivismo na causa abolicionista no Brasil

Maria Thereza Rosa Ribeiro  
Editora Zouk, 2012, 158 páginas.  
R\$ 36 (preço médio)

As divergências entre o pensamento positivista ortodoxo e o liberalismo social no Brasil são o tema deste livro, que analisa a atuação de figuras como Miguel Lemos e Raimundo Teixeira Mendes, positivistas para os quais a obra de Comte deveria ser seguida na sua totalidade; em oposição a Joaquim Nabuco, o liberal que defendia que os escritos do filósofo têm valor apenas como produção científica. A sociedade da época, situada entre a crise do Segundo Império e os primeiros anos

da República, foi influenciada pelas representações produzidas por essas duas correntes de pensamento, caracterizadas por forte crítica ao sistema escravista. Mesmo importando exemplos de sociedades europeias e anglo-americanas, os abolicionistas brasileiros não deixavam de contemplar a singularidade da condição do país, designando o ideário comteano a uma condição de “paradigma de ação”, que devia aliar o esquema intelectual a uma atitude prática para justificar a necessidade de transformação do sistema. A autora examina tais ideias ajudaram a definir o conceito de trabalho em um tempo em que essa atividade estava relacionada à degradação da escravidão. Também destaca o modo como a crítica à inércia das classes abastadas era o principal obstáculo ao surgimento de novos sujeitos sociais, elevados da categoria de coisas para se transformarem em homens livres. A obra ainda discute a aplicação do Direito em um estado escravista, reconstituindo a visão de liberais e de positivistas sobre a construção da nação. (Nidiane Perdomo)

Após três conferências realizadas no Japão em 1986, Claude Lévi-Strauss discute as principais questões das sociedades ditas civilizadas. Usando referências da cultura japonesa, o livro trata das novas configurações globais do trabalho e da preservação da diversidade cultural. Estudando “a ciência da cultura”, como mitos, costumes, crenças e modos, Lévi-Strauss mostra como as questões antropológicas foram mudando com o passar do



### A antropologia diante dos problemas do mundo moderno

Claude Lévi-Strauss  
São Paulo: Companhia das Letras, 2012, 96 páginas  
R\$ 29,50 (preço médio)

tempo; e o que mudou a partir da transformação da civilização, seja no contexto ético, político ou econômico. O antropólogo problematiza, entre outros temas, a questão da formação atual da família. Questionando as maneiras de se ter um bebê, seja pelo esperma congelado do marido já morto, seja pela barriga de aluguel ou até mesmo por meio da adoção, ele analisa a natureza jurídica, moral e psicológica da formação familiar. Denomina “confusão na árvore genealógica” aos conflitos que podem surgir a partir da nova constituição familiar, como, por exemplo, quando a mãe biológica decide voltar atrás e pedir a guarda da criança. Tanto para a sociedade como para a área do direito, os laços biológicos tornam-se confusos com essa mudança. Outro tema tratado são as formações e distinções nas aldeias. Um grupo familiar se separa de sua linhagem genealógica, dividindo-se e indo para um novo habitat. Criam-se, então, problemas de “raça” e cultura, pois é a cultura que determina os limites geográficos do território da nova tribo, assim como seu círculo de convivência. (Manuela M. Ramos)



# Bilboquê, bodoque, peteca e muito mais

**Brinquedos folclóricos** Faced recebe doação de acervo de brinquetes típicos da região da Campanha do RS

Everton Cardoso

Imbuída de um espírito nostálgico e da busca pelas memórias da infância, a professora da área de Linguagem no câmpus de São Gabriel da Universidade da Região da Campanha (Urcamp) Clair Alves iniciou um trabalho de coleta de brinquedos folclóricos com a ideia de formar um acervo e, também, organizar exposições dos objetos. A também poeta e escritora conta que a ideia surgiu quando a professora da Faculdade de Educação (Faced) da UFRGS Tânia Fortuna foi a São Gabriel fazer uma palestra sobre atividades lúdicas. “Fiquei interessada pelo tema e pensei em fazer uma pesquisa com os alunos do curso de Educação Física”, relata.

Os participantes do projeto intitulado *Resgatando a Identidade Cultural da Campanha e Fronteira Oeste* realizaram, então, uma pesquisa de campo, entrevistando as pessoas mais idosas que moravam nos recônditos da zona rural. “Queríamos saber se elas haviam passado a sua tradição de brincar para seus filhos e netos”, conta Clair.

Para tal, embrenharam-se pela campanha e chegaram a lugares como o Rincão do Claro e o Último Reduto dos Carreiros – este, um local em que existem homens que ainda trabalham com suas carretas e que vivenciam essa tradição.

Com orientação da professora Tânia Fortuna e dos integrantes do projeto de extensão *Quem quer brincar?*, da UFRGS, Clair e seus estudantes realizaram entrevistas, recolheram brinquedos e reconstituíram o que estava danificado. “Eu dava aula também no curso de Artes Visuais, e algumas das alunas quiseram integrar-se à pesquisa. Como elas têm mais jeito para fazer trabalhos manuais, começaram a confeccionar brinquedos. Depois, o curso de Pedagogia quis entrar também”, comemora.

**Memórias da infância** – Entre os brinquedos coletados estão bonecas feitas artesanalmente de pano ou mesmo com o reaproveitamento de sabugos de milho ou porongos; bodoques (também conhecidos como fundas ou estilingues); bilboquês (sino ou bola de madeira com furo na base e que deve ser encaixado pelo jogador na haste que este segura); petecas; cuicas (feitas de cordão e rodela de couro); pés de lata (aparato feito de latas colocadas sob os pés); uma tropa de gado feita de ossos de animais, entre outros.

Os ossos, aliás, rendem uma das histórias por que Clair demonstra maior afeto: “Foi um senhor de uns 80 anos que nos deu a coleção. Ele contou como brincava com os ossinhos e prometeu fazer um conjunto para dar-nos. Então, matou um boi,

tirou os ossos, limpou-os, poliu-os e nos deu”, relata emocionada.

**Apelo irresistível** – O primeiro resultado do projeto foi uma mostra do acervo recolhido no saguão da Faced. “Até mesmo os professores, quando viam os brinquedos, paravam e brincavam. Eles jogavam bolita, bilboquê, peteca”, conta Clair. Ela diz ter percebido mudanças até na fisionomia dos passantes quando se deparavam com aqueles objetos que as levavam de volta à infância. A partir dessa experiência, veio o convite para colaborar com o projeto realizado na UFRGS.

Encerrada a mostra, a professora gabrielse planejava que o acervo fosse integrado a um museu dedicado aos brinquedos na universidade em que trabalha. “Como a Urcamp sofreu

uma crise, juntaram os brinquedos e deixaram em umas caixas. Então, fui lá e os resgatei”, conta a docente que, então, doou parte do acervo à Brinquedoteca.

Chegados à Faced, os brinquedos tradicionais da região da Campanha geraram um conflito conceitual: como o espaço existente na Faced funciona não só como um repositório inerte de brinquedos, mas, sim, como um lugar de circulação de brinquedos por meio de empréstimos – tal qual uma biblioteca –, converter essas peças em objetos de exposição seria contraditório. A saída encontrada por Tânia Fortuna e sua equipe foi confeccionar réplicas dos objetos recolhidos por Clair e seus alunos e disponibilizá-las para que cumpram seu fim: serem “brincados”. “O material ficou por um bom tempo

pouco valorizado”, avalia a professora da UFRGS. E exclama para justificar por que decidiram organizar uma exposição e também criar as réplicas: “Brinquedoteca não é lugar de exposição! É lugar de promover a brincadeira!”. Além disso, a equipe da Universidade fotografou os brinquedos e publicou no site do projeto *Quem quer brincar?* as imagens acompanhadas de uma breve descrição, uma versão virtual da brinquedoteca. No texto de apresentação do projeto, Tânia sintetiza o espírito da iniciativa: “Como parte do patrimônio cultural, a cultura lúdica, abrangendo os brinquedos e as brincadeiras, que, desde tempos imemoriais, acompanha os homens, traz consigo uma imagem contextualizada do homem e de seu tempo, por meio de representações sociais”.

## Brincando na UFRGS

As brincadeiras e os brinquedos tornaram-se assunto sério na Universidade, sobretudo após o ingresso da professora Tânia Fortuna, no Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação (Faced). De acordo com a docente, antes de dar aulas no ensino superior – atuação que iniciou em 1991 –, ela trabalhara como professora de ensino fundamental por vários anos. “Na minha prática, ficou muito patente o poder do jogo. Percebi que a brincadeira tinha um potencial de transformar vidas, não só no sucesso escolar, mas na vida”, relata. A professora percebia um efeito tal do brincar na vida de seus alunos, que lhe parecia que alguns deles encontravam ou recuperavam um sentido para viver. Tânia acumula, além da experiência nas salas de aula de ensino regular, o trabalho com crianças com visão limitada. “Brincando, os caminhos para aprendizagem se abriam, elas se sentiam capazes, se tornavam engajadas no seu aprender”, rememora.

Foi depois dessas experiências que a então mestre em Educação voltou à instituição em que se graduara, agora como docente. Tânia destaca, desses primeiros anos, a criação da disciplina Psicologia do Jogo, que, segundo ela, hoje serve de referência para outras disciplinas. Essa atividade, porém, não surgiu de imediato, foi resultado das primeiras impressões da docente ao ingressar na UFRGS: “Comecei a ser professora de Psicologia da Educação e me dei conta de que não havia disciplinas que tratassem da fundamentação psicológica do brincar”. A exceção eram algumas atividades voltadas para a formação de professores da área de Educação Física. Foi a partir dessa iniciativa que a docente e pesquisadora tomou impulso para criar, primeiramente, um curso de extensão voltado para a relação entre o jogo e a educação. Matricularam-se,

predominantemente, alunos da UFRGS. “Isso se revelou como um sintoma, já que os alunos tomavam lugar num curso que era direcionado para a comunidade externa”, conta sobre a razão principal que a levou a propor a disciplina na modalidade eletiva. O propósito era aprofundar os estudos mais teóricos, já que o curso de extensão tivera um caráter mais aplicado. Tânia relata que os alunos que faziam a disciplina manifestavam vontade de continuar seus estudos. Além disso, pessoas não vinculadas à UFRGS pediam para assistir às aulas, e ela ministrava diversas palestras no país. Foi a partir dessas demandas que a professora propôs o projeto *Quem quer brincar?*.

Com um conjunto de ações que envolvem palestras, conversas, cursos de formação, entre outras ações, o programa tem, desde 1999, dado evidência à brincadeira como forma de aprendizado e desenvolvimento. Um dos frutos desse trabalho é a Brinquedoteca, que fica no piso térreo da Faced. “Não é apenas a sede dos brinquedos”, ressalva Tânia, “mas um lugar que promova o brincar. O foco pode ir para o material, mas se os animadores lúdicos não forem preparados, não decola.” A idealizadora do espaço conta que tudo começou dentro de uma caixa que continha brinquedos para oferecer aos alunos da Universidade materiais para suas práticas de ensino. Naquela época, foram organizadas campanhas de doação de brinquedos e jogos. “O que era colocado nas caixas para doação desaparecia!”, conta Tânia. E acrescenta: “Os nossos colaboradores ficavam irritados com os furtos, mas estávamos estimulando as brincadeiras. Quem levava o brinquedo precisava dele. Depois do tira-e-põe, o saldo é a Brinquedoteca!”, diverte-se. Hoje, contam com um acervo de quase 5 mil itens, doado por servidores e alunos da UFRGS e construído ou reaproveitado pela equipe.



A professora Clair Alves realizou uma pesquisa em que recolheu brinquedos tradicionais pela região da Campanha

► **Redação** Ánia Chala | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br)

# DESTAQUE

## DINHEIRO

### esperança

### prazer

### poesia

### atitude

### amor

### FÉRIAS

### ócio

### comhecimento

## Tela de desejos

**Extensão** Campanha revela o que quer a comunidade universitária para o próximo ano

Neste final de ano, o Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão (DDC) preparou um pacote de atividades motivado pela vontade de ouvir a comunidade universitária. A primeira ação foi criar uma grande tela de desejos instalada desde o começo do mês sobre os vidros do saguão da reitoria.

De acordo com a diretora do DDC, Cláudia Boettcher, a iniciativa foi inspirada na obra *Diálogos com Saramago*, em que o autor português afirma entender o tempo como uma tela imensa, na qual os acontecimentos se projetam sem qualquer ordem, assumindo uma espécie de arrumação caótica. Nesse caos, seria preciso encontrar um sentido, é justamente o que é proposto na instalação que tem como suporte a parede envidraçada do prédio da reitoria. As palavras que

compõem o caleidoscópio de ideias para o próximo ano foram enviadas por estudantes, professores e técnicos, e devem servir como inspiração para os projetos de 2013 na área da extensão. O material foi trabalhado pelo artista plástico Élcio Rosssini, que procurou dar destaque a cada uma das palavras encaminhadas. “Nossa ideia era justamente inverter o fluxo da fila de pessoas que aguardam os elevadores no saguão da reitoria, fazendo com que elas construam seus próprios desejos ao olharem as palavras compartilhadas pelos participantes do projeto”, esclarece Cláudia.

**Bazar** - Na semana de 10 e 14 de dezembro, o Departamento irá realizar o primeiro *Bazar da UFRGS + Arte e Cultura*, espaço dedicado à produção artesanal e musical da comunidade universitária.

O evento será inaugurado pelo reitor no final da tarde do dia 10 com uma instalação luminosa e apresentações musicais. A diretora acrescenta que o bazar deve servir como um ponto de encontro para todos os que circulam pelo Câmpus Centro.

Debaixo da instalação luminosa, a comunidade da UFRGS poderá depositar brinquedos, que serão doados à Associação dos Moradores da Vila Planetário, no Câmpus da Saúde. “Neste ano, escolhemos essa comunidade. Nos próximos, outras vilas deverão ser contempladas”, explica Cláudia. Além da extensão universitária, as atividades estão sendo apoiadas pela Secretaria de Comunicação Social, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, pela Pró-reitoria de Gestão de Pessoas e pela Superintendência de Infraestrutura da Universidade.

## CINEMA

### Mostra Cinema e Rock

Seleção de filmes sobre os eventos mais importantes da cena musical contemporânea, organizada pelos bolsistas da Sala Redenção Fernanda Castilhos (Artes Visuais) e Maurício Lobo (Jornalismo), alunos da UFRGS. Sessões com entrada franca.

**ELVIS - O INÍCIO DE UMA LENDA** (*Elvis*, EUA, 2005, 173 min), de James Swallow. O mito e sua tumultuada história em um filme que traz gravações originais dos maiores hits de Elvis Presley. Sessão: 3 de dezembro, 16h

**CADILLAC RECORDS** (EUA, 2008, 109 min), de Darnell Martin. A história da ascensão da gravadora Chess Records, de Leonard Chess e dos artistas que tiveram suas composições reveladas por ela: Muddy Waters, Chuck Berry, Willie Dixon e Etta James. Sessão: 3 de dezembro, 19h



**JOHNNY & JUNE** (*Walk the line*, EUA, 2005, 135 min), de James Mangold. A vida do cantor Johnny Cash, cuja infância tumultuada o fez trilhar um caminho de autodestruição do qual apenas June Carter, seu grande amor, pôde desviá-lo. Sessão: 4 de dezembro, 16h

**O GAROTO DE LIVERPOOL** (*Nowhere boy*, Inglaterra, 2009, 97 min), de Sam Taylor-Wood. A infância e a adolescência de John Lennon são retratadas nesta produção com roteiro baseado em um livro escrito pela meia-irmã do astro pop. Sessão: 4 de dezembro, 19h

**STONED - A HISTÓRIA SECRETA DOS ROLLING STONES** (*Stoned*, Inglaterra, 2005, 102 min), de Stephen Woolley. Cinebiografia de Brian Jones, criador de uma das maiores bandas de rock do mundo, desde a ascensão do grupo até sua morte prematura. Sessão: 6 de dezembro, 16h

**LOKI - ARNALDO BATISTA** (Brasil, 2008, 120 min), de Paulo Henrique Fontenelle. A trajetória do fundador dos Mutantes por meio de depoimentos do artista e de personalidades como Tom Zé, Kurt Cobain, Gilberto Gil, Roberto Menescal, Liminha e Lobão. Sessão: 6 de dezembro, 19h

**HOMENAGEM A FREDERICO RICHTER** Apresentação de três obras realizadas pelo maestro entre 1979 e 1981: “Estudo”, “Metamorfoses” e “Sonhos e Fantasia”. Data: 11 de dezembro. Local e horário: Sala dos Sons, 18h. Entrada franca



**NÃO ESTOU LÁ** (*I'm not there*, EUA, 2007, 135 min), de Todd Haynes. Cinebiografia de Bob Dylan, ícone musical, poeta e porta-voz de uma geração. Sessão: 7 de dezembro, 19h

**ACROSS THE UNIVERSE** (EUA, 2007, 133 min), de Julie Taymor. Musical sobre um jovem inglês que viaja aos EUA em busca de seu pai, envolvendo-se com os movimentos de contracultura. Sessão: 10 de dezembro, 16h

**WHEN YOU'RE STRANGE: UM FILME SOBRE O THE DOORS** (*When you're strange: a film about The Doors*, EUA, 2010, 86 min), de Tom DiCillo

Um olhar sobre a banda do vocalista Jim Morrison, desde a formação do grupo em 1965 até a fatídica morte do cantor após anos de uso intenso de álcool e drogas. Sessão: 10 de dezembro, 19h

**GEORGE HARRISON: LIVING IN THE MATERIAL WORLD** (EUA, 2012, 148 min), de Martin Scorsese. Documentário com depoimentos de familiares, amigos e parceiros do músico, explicando por que o mundo espiritual se tornou tão importante em sua vida. Sessão: 11 de dezembro, 16h

**THE ROLLING STONES - SHINE A LIGHT** (*Shine a Light*, Inglaterra, 2008, 121 min), de Martin Scorsese. Filme que registra o show homônimo da banda realizado em 2008 no Beacon Theater, em Nova York, e inclui entrevistas concedidas pelo grupo nos anos 60 e 70. Sessão: 12 de dezembro, 16h

**VELVET GOLDMINE** (Inglaterra, 1998, 124 min), de Todd Haynes. Musical em que jornalista procura descobrir o paradeiro de um controverso cantor de *glam rock* que nos anos 70 forjou a própria morte para se ver livre da pressão que sentia. Sessão: 13 de dezembro, 16h

**QUASE FAMOSOS** (*Almost famous*, EUA, 2001, 122 min), de Cameron Crowe. Garoto de 15 anos descobre o mundo e o amor ao fazer a cobertura da turnê da banda Stillwater para a revista Rolling Stone. Sessão: 13 de dezembro, 19h

**TOMMY** (Inglaterra, 1975, 111 min), de Ken Russell. Musical inspirado na ópera rock do grupo The Who sobre garoto que, após presenciar o assassinato do pai, se torna cego, surdo e mudo. Apesar do trauma, ele se transforma em um ídolo pop. Sessão: 14 de dezembro, 16h

**LED ZEPPELIN - THE SONG REMAINS THE SAME** (EUA, 1976, 137 min), de Peter Clifton e Joe Massot. Uma sedutora jornada com os pioneiros do rock pesado neste filme que mostra o grupo no legendário concerto no Madison Square Garden em 1973. Sessão: 14 de dezembro, 19h

**RAUL - O INÍCIO, O FIM E O MEIO** (Brasil, 2012, 100 min), de Walter Carvalho e Leonardo Gudel. A trajetória da lenda do rock Raul Seixas por meio de imagens raras de arquivo, encontros com familiares, conversas com artistas, produtores e amigos. Sessão: 17 de dezembro, 16h

**PINK FLOYD - THE WALL** (*The Wall*, Inglaterra, 1982, 95 min), de Alan Parker. Trancado em um quarto de hotel em Los Angeles, roqueiro mergulha num pesadelo enlouquecedor em que passado e presente se misturam, trazendo à tona memórias dolorosas. Sessão: 17 de dezembro, 19h

**A FESTA NUNCA TERMINA** (*24 hour party people*, Inglaterra, 2002, 117 min), de Michael Winterbottom. A vibração do cenário musical de Manchester na segunda metade dos anos 70, quando um aluno de Cambridge monta um selo chamado Factory, que reuniria os principais nomes da música nos anos seguintes. Sessão: 18 de dezembro, 16h

**CAZUZA - O TEMPO NÃO PARA** (Brasil, 2004, 94 min), de Sandra Werneck e Walter Carvalho. O sucesso com o Barão Vermelho, a carreira-solo, o comportamento transgressor e a coragem do cantor que continuava compondo e fazendo shows, mesmo debilitado pela AIDS. Sessão: 18 de dezembro, 19h



**ÚLTIMOS DIAS: O ROCK AND ROLL NUNCA MORRERÁ** (*Last days*, EUA, 2005, 96 min), de Gus Van Sant. Drama baseado na vida de Kurt Cobain, astro do rock extremamente depressivo que se destacou na cena musical de Seattle (EUA) na década de 90. Sessão: 19 de dezembro, 16h

**WOODSTOCK - 3 DIAS DE PAZ, AMOR E MÚSICA** (*Woodstock*, EUA, 1970, 224 min), de Michael Wadleigh. Documentário que registra o encontro em que cerca de 500 mil jovens se reuniram em uma fazenda no interior do EUA para assistir aos grandes astros do rock em apresentações memoráveis. Sessão: 20 de dezembro, 16h

### Com AD - Sessão com audiodescrição

**CHICO XAVIER, O FILME** (Brasil, 2010, 115 min), de Daniel Filho. Baseado no livro do jornalista Marcel Souto Maior, o filme descreve a trajetória do homem que desenvolveu importante atividade mediúcnica e filantrópica. Sessão: 5 de dezembro, 19h

### CineDHebate Direitos Humanos

**COLLOQUIUM - BILDUNG, FILOSOFIA, ÉTICA E DIREITOS HUMANOS** (Brasil, 2012, 40min), de Giancarla Brunetto e Luiz Carlos Bombassaro. Documentário que registra um colóquio entre filósofos que discutem o significado da filosofia, da educação, da ética e dos direitos humanos. Após a sessão, debate com Wolfgang Neuser e os diretores. Sessão: 5 de dezembro, 16h



**A FELICIDADE NÃO SE COMPRA** (*It's a wonderful life*, EUA, 1947, 130 min), de Frank Capra. No Natal, homem que sempre ajudou a todos pensa em se suicidar, mas recebe uma ajuda inesperada que irá mudar a sua vida. Sessão: 12 de dezembro, 19h

### Cinema e Pensamento Africano

**A LUZ** (*Yeelen*, Mali/Burkina Fasso, 1987, 105 min), de Souleymane Cissé. Jovem dotado de poderes que pouco compreende prepara-se para enfrentar o pai que deseja matá-lo. Após a sessão, apresentação do texto de Blandine Stefanson: *O périplo pan-africano de Souleymane Cissé: contornar a violência para melhor combatê-la* (2005). Sessão: 19 de dezembro, 19h

## ONDE?

► **Auditorium Tasso Corrêa**  
Senhor dos Passos, 248  
Fone: 3308-4318

► **Sala dos Sons**  
Paulo Gama, 110 - 2.º andar  
Fone: 3308-3034

► **Sala Fahrion**  
Paulo Gama, 110 - 2.º andar  
Fone: 3308-3034

► **Sala Redenção**  
Luiz Englert, s/n.º  
Fone: 3308-3933

► **Museu da UFRGS**  
Oswaldo Aranha, 277  
Fone: 3308-4022

► **Praça Central Câmpus do Vale**  
Av. Bento Gonçalves, 9.500  
Fone: 3308-3933

## EXPOSIÇÃO

### Fotografei o Sobre

Exposição individual da acadêmica Mariellen Baldissera, que apresenta imagens captadas por um olhar à toa, no sentido de que buscam no mundo uma compreensão pela invenção, pela recriação, em que só é falso o que não se inventa.

Curadoria do fotógrafo e professor da Unisinos Flávio Dutra. Visitação: até 28 de fevereiro. Local e horário: saguão da reitoria, de segunda a sexta, das 8h às 18h. Entrada franca



### Alan Turing

Mostra em homenagem ao centenário do matemático e criptanalista, considerado o pai da informática. A exposição foi idealizada na disciplina *Mentes e Máquinas*, desenvolvida nos programas de Pós-graduação em Computação e em Informática da Educação da UFRGS, com a curadoria do professor Dante Barone. Visitação: até 22 de março de 2013. Local e horário: Museu da UFRGS, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h. Entrada franca, com agendamento para visitas de grupos de escolas pelo telefone 3308-3390 ou diretamente no site [www.ufrgs.br/museu](http://www.ufrgs.br/museu).

### Projeto Percurso do Artista - Eduardo Vieira da Cunha

Mostra intitulada “Estar em qualquer lugar (a viagem como metáfora produtiva)”, que apresenta 38 trabalhos, entre pinturas e fotografias, do artista e professor do Instituto de Artes da UFRGS. Visitação: até 31 de maio de 2013. Local e horário: Sala Fahrion, de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h. Entrada franca

## MÚSICA

### Recital de violoncelo com Iñaki Etxepare

O violoncelista espanhol tem uma discografia composta de vários formatos de música de câmara e combinações curiosas, como é o caso do primeiro quinteto espanhol de Luigi Boccherini com guitarra. No programa do recital, a peça “Cello show”, baseada em trabalho do compositor mexicano Samuel Maynez Vidal. Data: 1.º de dezembro. Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa, 19h. Entrada franca

### Vale Doze e Trinta

Última edição do ano do projeto que abre espaço para novas bandas da cena porto-alegrense.

**DUO IN CIX**  
Duo de cordas, formado por Gerson Tadeu (violino) e Lucas Duarte (violoncelo), cujo repertório mistura influências da tradição europeia e da música popular, privilegiando a improvisação. Em caso de chuva, o show será transferido para o dia seguinte.

Data: 4 de dezembro. Local e horário: Praça Central do Câmpus do Vale, às 12h30min. Entrada franca

### Sala dos Sons

Projeto de difusão sonora de músicas eletroacústicas coordenado pelo professor Eloy Fritsch, do Instituto de Artes da UFRGS.



**HOMENAGEM A FREDERICO RICHTER**  
Apresentação de três obras realizadas pelo maestro entre 1979 e 1981: “Estudo”, “Metamorfoses” e “Sonhos e Fantasia”. Data: 11 de dezembro. Local e horário: Sala dos Sons, 18h. Entrada franca

## Meu Lugar na UFRGS



FLÁVIO DUTRA/JU

### Raros tesouros

Na Biblioteca Central, há um lugar em que um livro não é apenas um livro: o Departamento de Obras Raras. Ambiente de trabalho do bibliotecário Eugenio Hansen, as três salas – de leitura, processamento técnico e acervo – são o repositório de um conjunto de aproximadamente dez mil exemplares que têm altíssimo valor histórico e mesmo de mercado. A coleção pertenceu ao bibliófilo e professor da Faculdade de Medicina da UFRGS Gert Eduardo Eichenberg (1901-1980) e foi adquirida pela Universidade no final dos anos 1960. Nesses exemplares raros – aproximadamente um quarto da biblioteca completa do médico –, a materialidade do livro em si como suporte do texto é tão ou até mais importante do que os conteúdos. Mas, afinal, que critérios servem para diferenciar esses volumes dos demais contidos no acervo das bibliotecas da UFRGS?

De acordo com Eugenio, ali estão exemplares cuja unicidade ou escassez lhes concede valor. “Os livros, em geral, são produzidos em grandes quantidades, mas a obra rara é única. Tem detalhes diferentes ou passou por histórias que deixaram suas marcas mais ou menos visíveis”, esclarece. Segundo o bibliotecário, há uma primeira categoria de obras que compõem esse acervo de raridades: a coleção Brasileira, ou seja, impressos feitos no Brasil entre 1808 – ano das primeiras impressões na recém-instalada Imprensa Régia, no Rio de Janeiro, quando da chegada da família real portuguesa à cidade – e a década de 1930. Além desses, estão no Departamento de Obras Raras livros de qualquer lugar do mundo que tenham sido confeccionados na Europa até o século XVIII. Também há obras que já foram produzidas para serem raras, isto é, aquelas cujas tiragens não ultrapassaram algumas centenas de exemplares – muitas vezes numerados –; e há, ainda, edições especiais, de luxo ou mesmo clandestinas. De acordo com Eugenio, existem fontes internacionais para a pesquisa sobre obras que têm esse tipo de valor, mas pode haver variações de acordo com a instituição que abriga a coleção. Esse trabalho de classificação, no entanto, não é executado por ele, mas, sim, por uma equipe de bibliotecários especializada nesse tipo de tarefa.

Eugenio dedica-se ao processamento técnico, ou seja, à análise e descrição dos volumes que já tiveram sua raridade definida. O trabalho do bibliotecário, então, consiste em entrar na sala do acervo de obras raras da Universidade, escolher um exemplar ainda não processado e, a partir de então, empreender um processo de classificação e descrição do livro. “É aí que estamos fazendo um trabalho apurado”, enfatiza. De posse do livro, Eugenio analisa os aspectos gráficos da obra. “Ex-libris: John Warren. Encadernação em couro.

Gravação em dourado. Cortes em dourado e decorados, pintados à mão.” Dessa maneira aparece, por exemplo, a descrição registrada no catálogo online das bibliotecas da UFRGS, o SABI, para a raríssima e curiosa edição de *Studies of chess: containing Caissa, a poem* [Estudos de xadrez: contendo Caissa, um poema]. Essa obra é uma das que lhe proporcionou maior prazer. Para se entender a intimidade adquirida e o carinho tido pelo bibliotecário em relação ao volume, basta ver a alegria com que mostra o livro que é traduzido por um apelido íntimo: “o Philidor”, referência ao sobrenome do enxadrista francês do século XVIII François-André Philidor, autor do livro. Não bastasse o valor de uma obra em edição de luxo publicada em 1808, em Londres, Eugenio revela uma característica surpreendente: quando as folhas do exemplar são tomadas pelas duas mãos e curvadas em determinado ângulo, aparece uma pintura secreta na borda de corte. A imagem, confeccionada manualmente, fica escondida nas bordas douradas externas das páginas que estão à direita – as ímpares: em cada uma, há uma pequeníssima parte da figura que, no manuseio, vai-se formar o que retrata um clube de xadrez.

Na sala em que está guardado o acervo, temperatura e umidade são rigorosamente controladas para preservar os livros: de 20 a 25 °C; e entre 50 e 55%. “As variações bruscas são muito ruins para a conservação”, observa Eugenio. Nas 35 estantes deslizantes lá existentes, os livros são organizados, primordialmente, por suas dimensões físicas: super, grandes, médios e pequenos. “É para que os maiores não danifiquem os menores”, ressalta. Depois desse, o critério é a ordem alfabética dos sobrenomes dos autores. Diferentemente das demais bibliotecas da Universidade, a de obras raras não utiliza o sistema numérico conhecido como Classificação Decimal Universal (CDU). “Não é um acervo para o usuário ficar lá dentro, procurar ou consultar”, justifica o responsável pelo processo técnico. E como é, para um bibliotecário, trabalhar num lugar como este? “É onde eu me sinto muito bem. Por mim, fico aqui até 19 de junho de 2034, quando completarei 70 anos e terei de me aposentar compulsoriamente”, declara rindo.

Evertton Cardoso

Esta coluna resulta de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET diariamente, às 20h e às 23h.

#### Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br) e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

## Perfil

# Cientista, com certeza

### Física

Desde os tempos de escola, Márcia Barbosa já adivinhava seu futuro

Jacira Cabral da Silveira

Não era verdade aquela história de que os comunistas comiam crianças, como costumava ouvir em casa e nas atividades para as famílias de militares que frequentava com seus pais, Paula e Rui, a irmã mais nova Denise e o irmão mais velho Alexandre.

Essa foi uma das primeiras lições que Márcia Barbosa aprendeu nesses seus mais de 30 anos de vida acadêmica na UFRGS. Ela ingressou como aluna do curso de Física, em 1978, fez o mestrado e doutorado e depois voltou como professora em 1991. Hoje é diretora do Instituto em que estudou.

Falando muito rápido e sem perder o fio da meada de sua retrospectiva pessoal, Márcia diverte-se lembrando algumas cenas da infância como filha de militar. Uma vez por ano, por exemplo, soldados norte-americanos da Operação Unitas encenavam pequenas peças para as crianças, nas quais os soldados eram sempre os mocinhos, e os comunistas, os vilões. “Era um verdadeiro clima de terror, tínhamos de prestar muita atenção por onde andávamos”, comenta sobre as recomendações do pai quando ela e os irmãos saíam para a escola: “Porque poderíamos ser raptados pelos comunistas”, diverte-se.

Por isso, quando mudaram do Rio de Janeiro para Canoas em 30 de março de 1964, Márcia – então com quatro anos de idade – já convivia com algumas verdades que seriam colocadas em cheque com o seu ingresso na UFRGS: “Na minha cabeça, o que nos salvou foi a ditadura, e a esquerda era ruim. Foi na Universidade que descobri a esquerda”.

**Família** – Descoberta, entretanto, que não se traduziu num engajamento político, mas representou o rompimento com algumas verdades implícitas à condição militar de seu pai e que acabavam permeando as relações familiares.

Rompimento que não abalou a ligação próxima que até hoje Márcia mantém com a família, especialmente com os pais, que são vizinhos seus no bairro Menino Deus, em Porto Alegre. Naquela época, início da década de 80, o que preocupava seu pai era ver os filhos voltarem para casa tarde da noite depois de um dia de faculdade.

Foi quando decidiu montar um cursinho preparatório para militares que tencionavam avançar na carreira. Enquanto o pai de Márcia dava as aulas técnicas, ela ensinava Português e seu irmão Matemática. Em pouco tempo, conseguiram comprar um apartamento pequeno na capital, para onde se mudaram os dois irmãos universitários.

Por não suportar a saudade da comida da mãe, Alexandre voltou a morar com os pais em Canoas, e Márcia passou a viver sozinha em Porto Alegre: “Eu me arranjava com a comida do RU (restaurante universitário), ficava na biblioteca até as 22h ou até ser expulsa. Então ia para o diretório, jogar War e conversar até tarde”. Mas nos finais de semana retornava à casa dos pais.

**Prioridade** – Desde muito pequena Márcia aprendeu a valorizar os estudos,



FLÁVIO DUTRA/JU

que eram prioridade em sua casa. Dona Paula, inclusive, deixara a profissão de secretária para dedicar-se à educação dos filhos. Anos mais tarde, com o propósito de acompanhá-los em seus estudos, decidiu concluir o ensino médio.

Foi ela quem alfabetizou a filha, que não havia sido aceita na escola por não ter ainda completado seis anos e meio (Márcia nasceu em 14 de janeiro de 1960). Em combinação com a professora do primeiro ano, dona Paula comprometeu-se a alfabetizar a menina até o meio do ano, quando então seria matriculada.

As aulas eram na cozinha, durante as múltiplas atividades da mãe, que usava a porta preta da peça como quadro negro onde escrevia com giz. “Eu adorava estudar”, recorda. E assim, Márcia estava pronta para começar sua vida escolar no segundo semestre de 1966.

Sua paixão pelos estudos, entretanto, não incluía a música. Tentando ocupar a filha que ficara inconformada com o ingresso do irmão na escola enquanto ela permanecia em casa, os pais decidiram colocá-la na aula de piano: “Para tentar me acalmar”. A professora acabou reconhecendo que a menina “não tinha mão para piano”. Por isso, na festa de final de ano, quando familiares reuniam-se para ver o progresso de seus pequenos músicos, os pais de Márcia assistiam a filha dançar”.

**Cientista** – Buscando o melhor, Rui e Paula transferiram os filhos para uma das mais prestigiadas escolas públicas de Canoas, a Escola Estadual Marechal Rondon. Como se destacavam nos estudos, eles muito cedo passaram a contribuir com a escola, substituindo professores.

Um dia, o diretor convidou Márcia para auxiliar os professores a organizar os equipamentos que haviam chegado para a montagem dos laboratórios da escola. Na sequência, ela passou a organizar os kits dos experimentos que seriam utilizados pelos estudantes nas aulas do outro dia.

“Aquilo me apaixonou, tinha de tudo:

Química, algumas coisas de Física.” A única incomodação era ouvir a mãe reclamando dos uniformes corroídos pelos solventes: “A Química destruiu as minhas roupas”, ilustra. Outros incidentes, entretanto, poderiam ter desfechos mais graves, como quando Márcia montou mal um forno, o que provocou um curto: “Quase coloquei fogo na escola”, confessa.

Dessa convivência em laboratório nasceu a certeza de que seguiria a carreira de pesquisadora. Em 1978, passou em 35.º lugar no vestibular geral da UFRGS e ingressou no curso de Física; além dela, havia mais oito mulheres na turma, mas apenas ela concluiu o bacharelado. “Era muito difícil”, justifica a evasão. Em casa, a mãe sonhava que ela fosse médica, e o pai, achava que devia cursar engenharia: “Mas eu queria ser cientista. Tinha isso muito claro na minha cabeça”.

**Prêmio** – Em 19 de outubro deste ano, Márcia foi agraciada com o 15.º Prêmio IÓreal-Unesco para as Mulheres e a Ciência, promovido pela Unesco (organização cultural da ONU). Ela foi premiada pela descoberta de uma anomalia da “água que poderá levar a uma melhor compreensão do mecanismo de dobramento de proteínas, que é essencial para o tratamento de certas doenças”, publicou o órgão premiado.

Depois de alguns anos trabalhando com polímeros, em 1997, entre outras importantes mudanças em sua vida, como a separação do marido com quem fora casada por 14 anos, decidiu iniciar seu próprio programa de pesquisa, passando a dedicar-se a simulações representando as moléculas d’água, utilizando programas de computador.

Entre as muitas atividades que superlotam sua agenda, Márcia segue dando aula na graduação e na pós-graduação do Instituto de Física da UFRGS, é vice-presidente da International Union of Pure and Applied Physics (IUPAP). Sempre sorrindo e rápida nas respostas, encerra a entrevista pedindo licença e correndo para o próximo compromisso.



# Suspensões do tempo

FOTOS E TEXTO **EDUARDO VIEIRA DA CUNHA**

Por razões profissionais, viajei diversas vezes pelo desértico litoral do Rio Grande do Sul, realizando coberturas jornalísticas sobre fenômenos meteorológicos que provocaram cheias e secas, marés, manifestações do sublime da natureza, um desastre ecológico conhecido como a *Maré Vermelha* – que em 1978 alterou profundamente a vida do lugar. Mostardas e Tavares, isoladas geograficamente nos períodos de cheias pela *estrada do inferno*, pareciam cidades paradas no tempo. Ali, nunca houve um cinema. Privados dessa magia, os habitantes do lugar tinham acesso à fantasia apenas nas histórias narradas de pai para filho.

As fotos que realizei paralelamente à função de ilustrar um texto específico ficaram também como que suspensas no tempo, para se revelarem mais tarde, em outras circunstâncias, como neste ensaio.

Em uma dessas viagens, encontrei um navio encalhado na praia. Dentro dele morava um homem. Contratado por uma companhia de seguros, o homem tinha uma única ocupação: ele precisava pintar o barco com uma tinta escura, para que a ferrugem não tomasse conta do casco. Ao chegar à proa do navio, percebia que a ferrugem já se pronunciava novamente, fazendo com que ele tivesse de recomeçar a tarefa a partir da popa.

Aquele enorme barco navegando em um mar de areia me lembrava Michel Foucault, que considerava o navio um espaço flutuante de um lugar, uma espécie de reserva da imaginação. E, tal como na linguagem dos sonhos, as fronteiras do tempo e do espaço são abolidas.

A sombra daquele navio projetava na areia imagens poéticas que traziam o conceito de *memória involuntária*, cara a Marcel Proust no livro *Em busca do tempo perdido*. Nesse processo, uma fotografia, um aroma, um gosto provoca um redemoinho de histórias e lembranças. Quer dizer: a imagem nunca se deixa fechar em uma forma. Ela é uma livre ausência. É uma presença que aponta uma ausência para ficar completa na justaposição de uma palavra, de um texto, da imaginação.



## **EDUARDO VIEIRA DA CUNHA**

É PROFESSOR DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS COM OBRAS EM PINTURA, DESENHO, ILUSTRAÇÃO E FOTOGRAFIA. UMA SELEÇÃO DE SEUS TRABALHOS PODE SER VISTA NA EXPOSIÇÃO PERCURSO DO ARTISTA, EM CARTAZ NA SALA FAHRION.





# Epidemia sem cura

## AIDS

*Mais de vinte anos depois da adoção da fita vermelha como símbolo internacional da campanha de conscientização sobre a doença, a síndrome disseminou-se para além dos grupos com o chamado “comportamento de risco” e hoje representa uma ameaça para pessoas de todas as idades, inclusive os recém-nascidos*

TEXTO **BIBIANA GUARALDI**  
**BRUNO COBALCHINI MATTOS**  
**MANUELA RAMOS**  
**PRISCILA KICHLER PACHECO**

FOTOS **FLÁVIO DUTRA**

Dados do relatório de 2012 do Programa da ONU contra a AIDS (Unaid) e do Boletim Epidemiológico AIDS/DST 2011 mostram que, em três décadas, a doença já matou cerca de 25 milhões de pessoas em todo o mundo. Até hoje, estima-se que o vírus HIV tenha infectado pelo menos 47 milhões de indivíduos. E, atualmente, o total de soropositivos no mundo é de 34,2 milhões – no Brasil, a estimativa é de que aproximadamente 630 mil pessoas vivam com AIDS.

O caminho que nos leva a esses números foi percorrido por mais de trinta anos. A história da síndrome, afinal, começa anos antes de se falar em AIDS. O nome da doença a que hoje o mundo está familiarizado foi definido em 1982, pelo Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos (CDC, na sigla em inglês); e ainda, antes disso, é que foram observadas as primeiras manifestações do mal que começava a se espalhar. Sarcoma de Kaposi e pneumocistose eram doenças conhecidas por atingir, respectivamente, pacientes com câncer em estágio avançado e indivíduos idosos. Quando, no final dos anos setenta, os dois males foram identificados em um número elevado de pacientes adultos, homossexuais e do sexo masculino, o fato chamou a atenção do CDC, o órgão de vigilância sanitária estadunidense, para a existência de uma nova doença. Em 1981, então, a AIDS foi descrita pela primeira vez, caracterizada como imunodepressão intensa associada a infecções oportunistas.

Em decorrência do alto índice de infecção de homossexuais, chegou a ser chamada, extraoficialmente, de GRID, sigla para *gay-related immune deficiency* ou doença da imunodeficiência relacionada aos gays. O mito da “peste gay” começou a se desfazer em dezembro de 1982, quando um bebê de pouco mais de um ano morreu por uma infecção relacionada à AIDS depois de passar por uma transfusão de sangue.

O vírus causador foi descoberto por dois grupos de cientistas, um na França e outro nos Estados

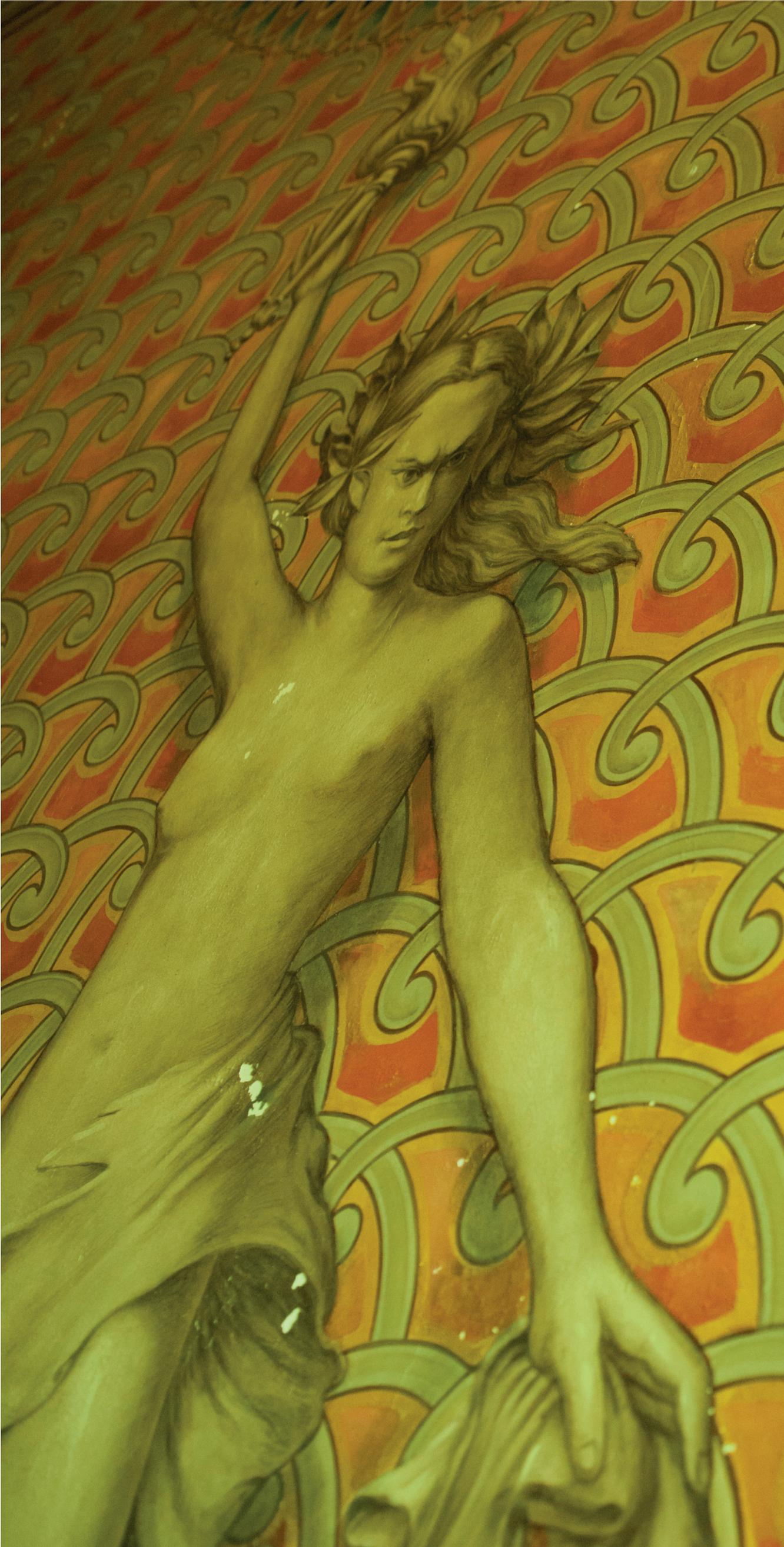
Unidos, em 1984. Posteriormente denominado pela comunidade científica internacional como HIV (vírus da imunodeficiência humana), pertence à família dos retrovírus – o que significa que tem seu código genético formado por RNA e precisa utilizar o DNA de outras células para se reproduzir. Ao penetrar no organismo, ele ataca justamente as células do sistema imunológico, destruindo os mecanismos de defesa do corpo e permitindo o aparecimento de uma série de outras doenças, chamadas de oportunistas.

O primeiro caso brasileiro foi registrado em 1982 em São Paulo. Na mesma época, os Estados Unidos já contabilizavam cerca de três mil infectados e 1.200 óbitos. Era o começo de uma epidemia que dura até hoje.

A partir da manifestação da doença em heterossexuais, crianças e agentes de saúde, e da descoberta dos reais meios de transmissão do vírus, têm início os esforços, também empreendidos até hoje, para a conscientização e desmistificação da AIDS. Trata-se, afinal, de uma doença a que ninguém, independentemente de gênero ou opção sexual, está imune.

O ano de 1987 marca o início da utilização do AZT, ou zidovudina, inibidor viral adotado no tratamento de pacientes com câncer e o primeiro capaz de reduzir a multiplicação do HIV no organismo. No mesmo ano, a Assembleia Mundial de Saúde e a ONU estabelecem a data de 1.º de dezembro como Dia Mundial de Luta contra a AIDS, a fim de reforçar a tolerância e a compreensão em relação aos portadores do vírus.

Em 1991, quando o número de infectados no mundo atinge a marca dos 10 milhões, a fita vermelha é adotada como símbolo internacional da campanha de conscientização. A ideia de um símbolo único de solidariedade aos portadores de HIV parte do grupo nova-iorquino Visual AIDS, e a fita é inspirada no laço amarelo entregue aos soldados que retornavam da guerra.



# O de tro

Quatro Hs caracterizavam o primeiro grupo de risco da AIDS. Homossexuais masculinos, hemofílicos, heroinômanos e haitianos eram as pessoas afetadas pelo vírus no seu surgimento, no início dos anos 80, nos Estados Unidos. Segundo Carmem Lúcia Oliveira da Silva, especialista em AIDS pediátrica e coordenadora do Projeto de Prevenção à AIDS do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, “o grupo de risco expandiu-se. De uns tempos para cá, não tem idade, não tem sexo, não tem nada. O HIV é muito democrático. O grupo de risco é estar vivo”. Para Luciano Goldani, infectologista e também coordenador do projeto do HCPA, “por ter eclodido em um grupo de homossexuais promiscuos, o vírus ficou associado a eles, mas pode atingir todos, inclusive os bem-casados”. Na década de 80, praticamente todos os hemofílicos eram portadores do vírus HIV, já que não existia o controle do sangue na hora da transfusão. A partir de 1991, com os métodos de controle implantados nos bancos de sangue, diminuiu significativamente a quantidade de hemofílicos soropositivos.

Um dos principais fatores para a maior abrangência do grupo de risco, conforme Goldani, é a utili-

## Projeto amplia acesso a exame

A partir da constatação de que a soroc conversão durante a gravidez é a situação em que há maior risco de transmissão vertical, uma equipe de médicos e pesquisadores do Hospital Conceição criou o projeto TRI PAI, que por mais de um ano levantou informações sobre os companheiros das gestantes que apresentaram teste negativo de HIV.

Conforme explica a infectologista Marineide Melo Rocha, uma das coordenadoras do estudo, o projeto foi planejado para ser feito com o casal no pré-natal, e não no momento do parto. Entretanto, “percebemos que a presença do homem no pré-natal quase não acontecia, enquanto no momento em que o filho nasce geralmente o pai está presente”. Assim, foi oferecido o teste rápido aos companheiros de mulheres não infectadas no momento em que vinham buscá-las após o parto. O resultado foi alarmante: 0,66% dos homens eram soropositivos e não sabiam. E a situação se agrava ainda mais se considerarmos que 75% das gestantes entrevistadas revelaram que não utilizam preservativos com os companheiros. Ou seja, esses homens ainda não haviam transmitido o vírus para as suas companheiras – o que poderia acontecer durante a amamentação, trazendo riscos ao bebê. Para Breno Riegel, um dos responsáveis pelo levantamento, “isso demonstrou que o homem também deve ser testado e que o pré-natal é do casal, e não só da mulher”.

Segundo Riegel, 90% dos homens abordados aceitaram fazer o teste, o que demonstra a boa receptividade da população masculina. Para o infectologista, o problema estaria na dificuldade de acesso: “Hoje, um cidadão comum precisa de cinco dias para fazer o teste anti-HIV. No primeiro, ele tira a ficha no posto de saúde e marca a consulta; no segundo, faz a consulta; no terceiro, dirige-se ao laboratório coletar o sangue; no quarto, vai buscar o resultado; e no quinto, retorna ao consultório para mostrar o exame ao médico. Quem é que tem cinco dias livres assim? Ninguém”.

Para facilitar o acesso, a Prefeitura de Porto Alegre está implantando o teste rápido nos postos de saúde da família. É simples e demora cerca de vinte minutos para ser feito. De acordo com o coordenador da Área Técnica de DST/AIDS e Hepatites Virais da Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre, Gerson Winkler, “pretendemos fazer com que todos os postos de saúde básica disponibilizem os testes rápidos, mas isso ainda não é completamente efetivo”.



# Desconhecimento vence o medo

zação dos remédios contra a disfunção erétil pelos idosos. Pelo fato de a camisinha ser um contraceptivo relativamente recente, os idosos não têm o hábito de usá-la, aumentando o risco da contaminação. “Eles acabam mudando de parceiros e infectando-se sem saber.” Até mesmo mulheres com um único parceiro viraram grupo de risco, pois o homem pode ter adquirido o vírus antes do relacionamento dos dois e ser um dos portadores que não adoece. Como observa Carmem Lúcia, “houve um ‘boom’ nesse grupo de mulheres de um parceiro só”.

**Expansão** – A repercussão da doença na mídia foi grande porque no seu surgimento atingiu pessoas de classe social alta. Na opinião de Carlos Ebeling Duarte, membro do Conselho Nacional de Saúde, a epidemia chocou a população por mostrar pessoas famosas, “o Rock Hudson, por exemplo, ninguém imaginava que ele era gay. Astros como ele tiveram sua vida íntima escancarada”.

“Era certo que a epidemia iria ter a cara do Brasil em determinado momento”, explica Carlos, acrescentando que a síndrome passou a fazer parte do imaginário popular como uma doença como

qualquer outra. Na visão dele, isso fez com que a AIDS saísse da mídia e a percepção geral mudasse; por tornar-se uma doença de todos, não chocava mais o quanto deveria.

Mesmo com essa mudança, Carlos denuncia que o preconceito e a discriminação identificados nas décadas passadas continuam. “Quem tinha preconceito antes continua tendo hoje. Apesar de não se falar mais em grupos de risco, continua se dizendo que é uma epidemia de gays, de usuários de drogas.” Para ele, o melhor caminho para o fim desse preconceito, fruto do medo e do desconhecimento, é mudar a visão do que é a síndrome. “Dizem que ela é como diabetes. Eu tenho diabetes e para mim é muito mais difícil tratar. Mas a AIDS traz outros tipos de problemas sociais que a diabetes não traz. Então, não pode ser considerada uma doença crônica como as outras. Até tem tratamento, mas não social.”

**Tratamento** – “A adesão ao tratamento é um grande desafio”, admite Carmem Lúcia. Os médicos tinham a ideia de que, com a chegada da medicação contra o agente infeccioso, os problemas desenvolvidos pela doença estariam resolvidos. Entretanto, o maior

desafio para a equipe médica é fazer o paciente entender que precisa tomar o remédio todos os dias, com a frequência determinada pelo médico. “Ele fica saudável e acaba esquecendo que tem a doença, esquecendo de tomar o remédio.” Goldani conta também que “a adesão ao tratamento pelos pacientes que se contaminaram pela transmissão vertical é muito complicada”. Nesses casos, por conta do vírus ter sido transmitido pela mãe durante a gravidez ou a amamentação, muitas vezes o paciente considera que não foi sua culpa a contaminação.

Gerson Winkler, coordenador da Área Técnica HIV/AIDS e Hepatites Virais da Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre, avalia que a relação paciente/tratamento é repleta de dificuldades. A singularidade do indivíduo tem de ser respeitada, assim como o bom vínculo do paciente com os médicos é extremamente necessário. “A adesão tem de ser vista a partir do conjunto, não apenas dos médicos ou dos pacientes. É o paciente que abandona o tratamento ou é o serviço de saúde que abandona o paciente?”, questiona.

O tratamento consiste basicamente em tomar os remédios diariamente e realizar o check up com

regularidade. Durante as consultas são entregues as prescrições para a retirada do coquetel. O paciente tem que buscar a medicação mensalmente na farmácia. O atendimento ao paciente soropositivo é realizado por um grupo multidisciplinar, composto não somente por médicos, mas também por assistentes sociais, enfermeiros, farmacêuticos, psicólogos e psiquiatras.

**Relacionamento** – Conforme Goldani, o maior problema é a rejeição. A situação torna-se muito difícil pelo medo que os pacientes têm por não saberem como o companheiro irá reagir. O médico conta que frequentemente ocorre a ida do casal à consulta, para que as dúvidas de ambos sejam esclarecidas. Carmem Lúcia usa como exemplo as pessoas que não contaram sobre a doença no início da relação, mas transaram com camisinha, protegendo o parceiro. Quando elas forem contar, sabem que mesmo omitindo um fato tão importante, protegeram o companheiro. “Não contar pelo medo de ser rejeitada ou pelo fato tornar-se público é compreensível. Agora, não contar e não usar camisinha é indefensável. Que argumento tu vais usar? ‘Eu te amo e te ferrei?’”

## O vírus como herança

Quando a médica Carmem Lúcia Oliveira da Silva atendeu a primeira criança portadora do vírus HIV no estado, o diagnóstico foi difícil. O ano era 1986, e a AIDS era uma doença desconhecida. Sem remédios para combater o vírus (o AZT, primeiro medicamento antirretroviral do mundo, chegou ao Brasil só em 1992), ser portador da síndrome equivalia a uma sentença de morte: “Não se sabia o que fazer – e não tinha o que fazer. A gente tratava as doenças oportunistas até o óbito, não havia alternativa”, relembra. Com o surgimento do AZT, a situação não mudou muito, já que as crianças pequenas não conseguiam ingerir o remédio, que era comercializado apenas em cápsulas: “A gente abria as cápsulas e o pó ia direto para o estômago, não sei nem o que era aproveitado daquilo”, lamenta a especialista em AIDS pediátrica do HCPA.

Naquela época, a principal causa de infecção em crianças era a transfusão de sangue, e ainda se encarava o vírus como uma decorrência de “comportamentos de risco”. Hoje, um dos principais motivos de incidência do vírus entre crianças é a transmissão vertical, que ocorre quando a mãe transmite o HIV ao filho durante a gestação ou aleitamento. Carmem Lúcia acha que o conceito de comportamento de risco tornou-se obsoleto, principalmente para crianças, pois, “se o bebê já nasce com o vírus, é por ter-se comportado mal? Estava no útero errado na hora errada?”

Com o crescimento da incidência do vírus entre as mulheres, a preocupação com a transmissão vertical aumentou. Principal forma de exposição ao vírus entre menores de 13 anos, 89% dos casos notificados ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) do Ministério da Saúde dentro desta faixa etária no

período de 1980 a 2011 no estado se devem à transmissão vertical. Entretanto, seguindo o tratamento de forma correta, a chance de contaminação cai para 1%.

Em 1997 foi adotada no país a política de oferecimento do teste anti-HIV para gestantes no pré-natal. O exame é realizado durante os três primeiros meses de gestação, e repetido no momento do parto. Caso a gestante seja soropositiva, além de seguir o tratamento durante a gestação, existem procedimentos específicos adotados no parto para diminuir a chance de contágio.

No que se refere aos cuidados com o recém-nascido, ainda que a carga viral da mãe no momento do parto esteja indetectável, é administrada uma primeira dose de AZT preferencialmente durante as primeiras duas horas de vida do recém-nascido, tratamento que deve continuar por mais 6 semanas. Além disso, o aleitamento materno é desaconselhado em razão de seu alto potencial infectante. Como alternativa, bebês expostos ao vírus têm direito a receber fórmula láctea infantil, pelo menos até completar seis meses de idade.

Ao sair da maternidade, já deve haver uma consulta agendada em serviço especializado para acompanhamento de crianças expostas ao HIV, sendo que a data da primeira consulta não pode ultrapassar 30 dias do nascimento. Esse cuidado deve ser continuado durante o primeiro ano de vida, quando o diagnóstico definitivo da infecção pelo HIV, na maioria dos bebês, ainda não pôde ser feito. Ainda que não tenham sido infectadas, crianças expostas ao vírus precisam realizar acompanhamento anual até o final da adolescência, por conta do uso dos antirretrovirais, já que os efeitos de tais medicamentos no médio e no longo prazo são desconhecidos.

**Sem garantia de imunidade** – Graças às políticas de prevenção, o número de crianças que nascem com o vírus é menor do que o de gestantes soropositivas. Apesar disso, especialistas consideram que não há muito para ser comemorado.

Na avaliação do técnico da Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre Gerson Winkler, “temos menos infecção por transmissão vertical do que o número de mulheres infectadas, mas ainda assim é um número muito alto... que deveria ser zero!”. Esta também é a opinião de Breno Riegel, do do Serviço de Infectologia do Hospital Conceição, para quem “hoje em dia não deveria haver crianças infectadas pela transmissão vertical do HIV, entretanto, o RS é um dos estados que mais tem novos casos de infecção por essa via, o que é vergonhoso”.

Carmem Lúcia aponta a soroconversão durante a gravidez como um provável motivo para essa situação. “A mãe sofre um pico de carga viral durante a gravidez, e caso só descubra que tem o vírus no momento do parto, já não se pode fazer tanto para evitar que o bebê seja contaminado”.

Por outro lado, o teste anti-HIV oferecido à mãe no início da gestação e no momento do parto não é suficiente para garantir que o vírus será detectado a tempo de evitar a contaminação do bebê, pois existe uma grande chance de infecção materna durante a gravidez.

Carmem Lúcia explica que “há várias situações em que a mãe é negativa no primeiro trimestre, e como era negativa, nunca mais foi testada. Mas não se costuma discutir com gestantes que elas têm que continuar usando camisinha durante a gestação, pois estar grávida não as torna imunes”.

## Índices em Porto Alegre

De acordo com o Boletim Epidemiológico publicado em maio deste ano pela Secretaria Municipal de Saúde, o coeficiente de incidência de soropositivos na população da capital gaúcha é de 89,59 para cada 100 mil habitantes. Alarmante por si só, o número é ainda mais significativo quando comparado ao da média nacional, de 17,9, segundo dados do Ministério da Saúde referentes ao ano de 2010.

Entre 1983 e o fim de 2010, foram regis-

trados em Porto Alegre 21.005 novos casos. Apenas em 2010 surgiram 1.390 novos portadores do vírus, sendo 95,88 adultos e 4,12 crianças com menos de 13 anos. A relação de prevalência é de 1,5 homens contaminados para cada mulher (ligeiramente inferior à média nacional, que é de 1,7).

Gerson Winkler acredita que a alta incidência na capital gaúcha é um fenômeno multifatorial. Ainda assim, lista possíveis explicações, a maioria delas ligada à inefi-

ciência das políticas públicas para o combate e a prevenção da doença: a falta de conhecimento da população, a falsa ideia de que o tratamento pode levar à cura, o acesso precário ao serviço de saúde e o número elevado de usuários de crack – estes, além de terem um sistema imunológico debilitado, compartilham cachimbos improvisados que podem provocar cortes; há também casos de mulheres que se prostituem para comprar a droga.

**A soroconversão representa um risco até 33% maior de transmissão vertical entre mães portadoras do HIV e seus bebês**



## Voluntariado em crise

O Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS (GAPA) foi criado em 1985 em São Paulo com o objetivo de oferecer um local de apoio às vítimas da doença. A sede do Grupo em Porto Alegre foi inaugurada em 1989. No entanto, sua presença na capital gaúcha vem sendo ameaçada devido a problemas financeiros. “Antigamente, havia alguém lá que atendia ao telefone, encaminhava a pessoa para consultas e para o serviço adequado dentro da instituição. Isso hoje não existem mais porque não tem ninguém para fazer”, relembra Carlos Duarte. Na década de 1990, o grupo chegou a ter mais de cem voluntários, mas atualmente esse número foi reduzido para cinco. “Embora tenha um nome muito forte, o GAPA é uma instituição frágil. A cada mês a gente pensa que no mês seguinte vamos ter que fechar as portas”, lamenta.

A sede do grupo fica na Rua Luís Afonso, 234, Bairro Cidade Baixa, e o telefone para contato é (51) 3221-6363.

## Entrevista Portador do vírus há 23 anos diz que sistema de saúde ainda não sabe lidar com os soropositivos

Carlos Ebeling Duarte é representante do movimento social de luta contra a AIDS no Conselho Nacional de Saúde. Ele se descobriu portador do vírus HIV em 1989, seis anos antes de o primeiro coquetel utilizado no tratamento da doença ser liberado no Brasil. Em 1996, depois de três meses no hospital, ele procurou o GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS) de Porto Alegre, àquela época uma instituição ativa na luta contra a doença e da qual já foi presidente. Em entrevista exclusiva ao JU, ele fala sobre como a síndrome é encarada hoje, o trabalho no GAPA, o despreparo do sistema de saúde para lidar com a doença e o que mudou em sua vida desde que se tornou soropositivo.

### Como foi a tua trajetória no GAPA?

Eu descobri que tinha AIDS em 1989 e entrei no GAPA em 1996. Cada um tem seu tempo. Levei seis anos para procurar uma organização e começar a fazer algo. Fui me envolvendo, e hoje a Arquitetura [sua formação original] para mim não existe mais. Minha função é outra: trabalhar para conseguir um serviço de saúde que garanta minimamente as necessidades das pessoas com AIDS. Participando dessa forma se entende que é muito mais uma questão social do que uma questão de saúde. Temos de parar com essa história de que se vive bem com AIDS, de que é uma doença crônica como qualquer outra, porque não é. Existe tratamento, as pessoas vivem, mas não vivem bem. É preciso quebrar essa ideia de que hoje existe uma vida normal pra quem tem AIDS. Não é assim.

### Como a AIDS era encarada pela sociedade nos anos 80 e como ela é vista atualmente?

Talvez a grande diferença da década

de 80 para hoje seja a questão da morte civil. O conceito de morte civil foi trabalhado pelo Herbert Daniel, uma das vítimas da AIDS na década de 90. Ele criou esse conceito dizendo que, antes de morrer de AIDS, as pessoas tinham uma morte civil decretada pela doença. Eram isoladas, afastadas do trabalho, do convívio social, da família – uma morte civil em função da AIDS. Hoje, quando alguém se descobre com AIDS, muitas vezes é só mais uma das dificuldades que a pessoa tem que enfrentar. Mudou a história da epidemia e mudou o envolvimento das pessoas com a doença.

### Em relação às campanhas de prevenção, existe um modelo ideal?

Nós somos muito críticos em relação a todas as campanhas. Lembro de uma, de 1994, acho que dizia: “Reduza seus parceiros”. Daí nós começamos a brincar, “tá, então vamos transar com anões, vamos reduzir o parceiro”. Porque não importa o número de relações: se a pessoa tiver dez relações sexuais e se prevenir nas dez, o risco de contrair o HIV é muito pequeno; agora se ela tiver duas relações sem prevenção é o suficiente. E se essa consciência não for trabalhada, não adianta. Não é uma campanha no carnaval, no ano-novo, no dia dos namorados que vai prevenir a AIDS. Tem de haver campanha permanentemente, todos os dias. É educação, não é campanha.

### O que precisa ser feito para que as pessoas deixem de se sentir imunes?

As pessoas perderam a noção do que é morrer de AIDS. Viver com AIDS é muito ruim. A questão é saber como isso está, se perto ou longe de ti. O problema é que, como toda doença

carregada de estigma e preconceito, as pessoas acham naturalmente que estão imunes. Ainda resiste no imaginário coletivo a ideia de que é uma doença de homossexuais, prostitutas e usuários de drogas. Então, a pessoa pensa: “não sou gay, não sou prostituta, não uso drogas, o que eu tenho a ver com isso?”. Mas tu fazes sexo? Sabe, é por aí. É preciso trabalhar a educação, porque é com educação que se entende que não se está imune. E no Brasil nós falhamos na educação. Além disso, muitos ainda pensam que ‘ah, se eu contrair o vírus, tem remédio, não vou me preocupar’. Os medicamentos causam um acúmulo de coisas que só se percebe ao longo do tempo. Eu estou com 54 anos e talvez a minha idade biológica hoje seja em torno de 65. Para cada ano de remédio, dois anos de envelhecimento.

### Como foi para ti passar pelas mudanças causadas pela doença e pelos medicamentos?

Hoje eu não faço mais, mas na época eu fazia muita terapia, e tinha um livro chamado *Perdas necessárias*. Tu acabas lidando com as perdas. Eu gostava muito de jogar futebol, hoje não consigo mais. Tu vais te adaptando a algumas coisas e mudando outras. Tem gente que não aceita isso. Eu aprendi a lidar. Não posso fazer isso, vou fazer aquilo. Mas existem coisas muito difíceis. Digamos mudanças físicas aparentes; tu te olhas no espelho todos os dias e lembras de como tu eras e como estás ficando. Isso faz com que a tua saúde mental vá pelas cucuias. As travestis sofrem muito e também as mulheres com lipodistrofia (perda ou acúmulo de gordura no corpo e na face decorrente do uso prolongado de antiretrovirais). É muito difícil lidar com isso.

### Tu acreditas que o trabalho constante com isso te ajuda?

Sim, me ajuda. Eu digo que estou vivo porque eu faço o que faço. Se tivesse ficado só na Arquitetura, escondido desse processo, eu não estaria vivo hoje. Em 1996, fiquei doente. Passei três meses no hospital, entrei em coma, pesei trinta e poucos quilos – tudo o que podia acontecer dentro daquele estereótipo de pessoa com AIDS aconteceu comigo. Morte civil, tudo. Quando saí do hospital, eu estava aposentado. Só que eu não morri. Aí pensei, bom, ‘o que vou fazer da minha vida agora? Ficar em casa esperando? Não, alguma coisa eu vou fazer’. Então fui pro GAPA. E estar lá mudou a minha vida, como mudou a de muita gente. Lamento que hoje as pessoas não consigam ter mais o apoio desses grupos. Quando eu entrei no GAPA e encontrei oitenta pessoas dentro daquela casa correndo de um lado para o outro, preparando festas, era incrível. Aquilo te dava vida.

### O que é importante, para alguém que se descobre portador do vírus, fazer para não se isolar?

Tudo depende da fase em que se descobre a AIDS. Quando o diagnóstico é tardio, quando a pessoa descobre depois de já ter desenvolvido outra doença, como a tuberculose, é mais difícil, porque antes de ter consciência do que ocorreu tu já começa com uma medicação. E isso muda a tua vida direto. Tu precisas de um tempo para assimilar o que está acontecendo. E esse tempo varia muito de pessoa para pessoa. Por isso, o diagnóstico precoce é importante. Mas a principal questão é o apoio. O apoio familiar é fundamental para que a pessoa não se isole, assim como o do sistema de saúde na hora do diagnóstico é essencial.

Antigamente, quando a pessoa não encontrava apoio em casa, ela procurava fora, em grupos. Mas, com a fragilização desses grupos, as pessoas não têm a quem recorrer. Hoje, eu não gostaria de receber um resultado desses, porque não saberia para onde ir.

### Tu achas que hoje, por essa falta de estrutura de apoio, é pior do que antes, quando tu recebeste o diagnóstico, mesmo àquela época ainda não existisse tratamento?

Não, a situação é diferente. Quando eu recebi o resultado, é estranho, nunca pensei que fosse morrer de AIDS. Claro que receber um resultado positivo naquela época era muito pior do que hoje. Mas eu digo em termos de estrutura de apoio. Hoje, depois que tu recebes um exame positivo, a primeira consulta está demorando em torno de 120 dias, 180 dias. A pessoa passa meses sem saber o que tem e aonde ir ou a quem recorrer para receber algum apoio. Tem o exame, a consulta, outros exames, outra consulta, o processo todo leva um ano. É a deficiência do serviço de saúde. Isso podia ser feito em um mês. Quando recebi o diagnóstico, a enfermeira que me trouxe o resultado veio chorando. Eu consolei a enfermeira! O sistema de saúde ainda é muito frágil para receber essas pessoas. E não é porque eles não querem: eles não têm condições, não sabem como. No GAPA, costumávamos realizar com frequência esse tipo de treinamento para o pessoal da saúde. Mas ninguém mais faz esse trabalho atualmente. E isso se reflete nos índices da epidemia. Porque uma pessoa que é bem tratada, que se vê percebida como cidadã, ela vai se cuidar melhor. Sem isso, tanto faz morrer hoje ou morrer amanhã. É um círculo vicioso.

## Olhares possíveis

Nas artes, a AIDS foi inicialmente retratada de forma velada: era nova e ainda misteriosa, não compreendida por completo nem por pacientes nem por médicos, menos ainda pelo público. Fortemente associada à homossexualidade, era tabu e motivo de preconceito. Entre os artistas portadores do vírus, as opiniões se dividiam: enquanto alguns falavam abertamente, na tentativa de encorajar os colegas e desmistificar o assunto, outros preferiam não dizer nada. Na música, no cinema e na literatura, a temática começou a ser abordada aos poucos, encontrando no cinema o espaço em que foi tratada de forma mais explícita. Porém, na comparação com outros temas, ainda são poucos os produtos artísticos – livros, filmes, peças teatrais – que trazem a síndrome como temática central.

Na década de oitenta, o cinema não demorou em se debruçar sobre a questão. No Brasil, títulos como *Estou com AIDS*, de David Cardoso, e *Romance*, de Sérgio Bianchi, respectivamente de 1986 e 1988, foram pioneiros em levar a doença às telas. O primeiro, mescla de ficção e documentário, mostra a angústia de personagens para os quais a morte era inevitável. E o segundo, por meio de um protagonista atormentado, retrata os anos traumáticos vividos na época. Um dos roteiristas de *Romance* foi Caio Fernando Abreu, que não muito depois viria a se descobrir ele próprio portador do vírus. Além desses, vieram mais tarde: *O olhar triste*, de Olívio de Araújo, e *Cinema de lágrimas*, de Nelson Pereira dos Santos, ambos de 1995. Um dos mais recentes, *Cazuza, o tempo não para*, chegou às telas em 2004.

Cazuza foi o primeiro artista brasileiro a admitir publicamente a doença; chamava-a de “a maldita”. 1990, ano em que mais de seis mil casos de AIDS são registrados no Brasil, é também o ano de sua morte. Em suas letras, ele poetizou a síndrome: “Meu prazer agora é risco de vida”, canta em *Ideologia*. Na música, a doença ainda vitimaria, entre outros nomes, Renato Russo, que em 1989 homenageia Cazuza com a canção *Feedback Song for a Dying Friend*, do álbum “As Quatro Estações”.

Na literatura brasileira, a AIDS tem sua primeira aparição em 1983, na novela “Pela Noite”, do livro *Triângulo das águas*, de Caio Fernando Abreu. Mas foi Herbert Daniel, escritor mineiro, quem primeiro utilizou a síndrome como tema central, no romance *Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos*, de 1987. O mesmo escritor, em 1983, já havia inserido

a temática no anexo “A síndrome do preconceito”, presente no livro *Jacarés e lobisomens*. Na década de noventa, a AIDS foi abordada por autores como Silvano Santiago (*Uma história de família*, 1992), Bernardo Carvalho (*Aberração*, 1993), Alberto Guzik (*Risco de Vida*, 1995) e Jean-Claude Bernardet (*A doença, uma experiência*, 1996).

A sigla, no começo, era amplamente evitada e, por isso, pode-se dizer que, a doença representou, na literatura, uma escrita semelhante ao que eram seus personagens: sobrevivendo nos extremos entre a vida e a morte. Esse talvez seja o principal paradoxo que cerca a AIDS: ao mesmo tempo em que é uma epidemia mundial sem cura, é a doença de poucos, a doença dos outros. E é isso o que desafia a todos: a construção de novas abordagens, ver a AIDS com olhos diferentes.